

Outros estudos doutrinários que estão à disposição:

A Doutrina Bíblica da Igreja - Um estudo a respeito da igreja conforme o padrão do Novo Testamento, sem os acréscimos seculares, apontando as características bíblicas necessárias à autenticidade e firmeza de uma igreja de Cristo.

A Doutrina Bíblica do Espírito Santo - Depois do advento do pentecostalismo, muita doutrina não bíblica tem entrado em nosso meio, levando igrejas a um comportamento espiritual completamente distanciado dos ensinamentos de Jesus. Estudos claros, objetivos, que auxiliam o crente sincero a se posicionar, sem obrigações, como um autêntico batista.

A Doutrina Bíblica da Evangelização - Os batistas sempre foram ardorosos defensores de uma evangelização autêntica, que aponta para a salvação eterna através do sacrifício de Jesus Cristo, para todos aqueles que crerem nele como Salvador. São estudos que apontam a verdadeira missão da igreja, desperta o crente para a sua missão e traça diretrizes para uma evangelização autêntica.

Ligue agora e faça o seu pedido.

(021) 2404-1279

Visite nosso site na Internet:

www.editorabatistabrasileira.com

Apresentação

Fortemente influenciados pela chamada “Teologia Liberal”, os batistas brasileiros estão perdendo sua identidade e estão, gradualmente, se assemelhando, em pensamento e prática, aos católicos, protestantes e pentecostais.

Aproveitando a crise editorial que nossa denominação enfrenta, editoras de outras denominações estão “bombardeando” nossas igrejas com literaturas para Escola Bíblica Dominical, muitas delas de excelente qualidade didática e editorial, mas que trazem em seu bojo a tepidez da falta de posicionamento bíblico quanto a determinadas doutrinas - como, por exemplo, batismo, ceia, sacramentos, destino imediato após a morte etc -, ou a afronta da ostentação de doutrinas completamente distanciadas da nossa fé, historicamente bíblica.

Os estudos que ora apresentamos à denominação, são sem sombra de dúvidas, bastante oportunos e eficazes para um doutrinamento bíblico, firme, das igrejas que ainda se mantêm sob a bandeira da aceitação das Escrituras como única regra de fé e prática, concludentemente, sob a verdadeira bandeira batista.

Mais uma vez manifestamos nossa gratidão a Deus por nos conceder o privilégio e a possibilidade de divulgar os ensinamentos de obreiro tão dedicado e fiel à Palavra de Deus, Pr. Delcyr de Souza Lima, que por várias décadas, tem sido um incansável pesquisador e ensinador das verdades bíblicas, somando com grandes cifras para um posicionamento fiel das igrejas batistas de nosso Brasil.

Pr. Dinelcir de Souza Lima

Diretor Geral

Quem escreveu

O autor destes estudos, Pastor Delcy de Souza Lima, converteu-se e foi batizado aos 15 anos, na Primeira Igreja Batista em Bangu, Rio de Janeiro, pelo Pastor Reynaldo Purim, grande doutrinador batista. Naquela igreja conheceu D. Dinalva, com quem foi casado durante 51 anos até que esta falecesse, e com quem teve cinco filhos, Delcinalva (Diretora Acadêmica do Seminário Teológico Batista Brasileiro), Dinelcir (Pastor da Igreja Batista Memorial de Bangu, Diretor e Professor no Seminário Teológico Batista do Oeste Carioca, Diretor Geral de Edições Vida em Cristo), Dilson (Diácono na Primeira Igreja Batista em São José do Rio Preto, São Paulo), Dalton (Pastor da Igreja Batista de Icarai e Professor no Seminário Teológico Batista Brasileiro), e Denisson (membro da Igreja Batista de Icarai).

Nos 51 anos de ministério pastoreou quatro igrejas e atualmente é pastor emérito da Igreja Batista de Icarai, Niterói, RJ. Foi presidente da Convenção Batista Carioca por três mandatos, redator-chefe da Cada Publicadora Batista, professor no Seminário Teológico Batista do Sul do Brasil e Editor-Chefe na JUERP. É Diretor-Executivo do Seminário Teológico Batista Brasileiro, onde leciona Teologia Bíblica do Novo Testamento, Teologia do Espírito Santo, Escatologia e Sociologia. É graduado em Teologia, Ciências Jurídicas e Filosofia. É autor de diversas obras que o consagraram como um dos mais autênticos e firmes escritores dentre os batistas.

Sumário

Estudo 1	- Igreja, Corpo do Senhor	3
Estudo 2	- Governo e Oficiais da Igreja	7
Estudo 3	- A Igreja, o Dia do Senhor e o Culto	11
Estudo 4	- Igreja e Mordomia	15
Estudo 5	- O Crente e a Santificação	19
Estudo 6	- O Crente e a Morte	23
Estudo 7	- O Reino de Deus	27
Estudo 8	- As Igrejas e as Ordenanças do Senhor	31
Estudo 9	- Os Crentes Face aos Grupos Heréticos	35
Estudo 10	- A Volta do Senhor Jesus	39
Estudo 11	- Milênio, Punição do Mal e Arrebatamento	43
Estudo 12	- Doutrina da Predestinação	47
Estudo 13	- Recordando os Estudos	51



Seminário Teológico Batista do Oeste Carioca

Formando líderes segundo o coração de Deus

Para quem sente
necessidade de estudar
Teologia conforme Deus se
revela na Bíblia.

Curso livre, a nível de 3º Grau, com
professores batistas, fiéis à Palavra
de Deus e experientes.

Cursos à distância por módulos.
Mensalidades acessíveis, de acordo
com os módulos a serem cursados.

Informações:

Tel.: (21)2404-1279

www.stboc.net

Estudo 10 - A VOLTA DO SENHOR JESUS

Todos os servos de Deus vivem estimulados pela esperança da volta do Senhor Jesus. Ele voltará. Ele prometeu fazê-lo. O dia e a hora ninguém pode saber, porque somente o Pai sabe. Ele virá repentinamente de modo visível e glorioso, ao som de trombetas celestiais, com glória e majestade. Trará consigo os crentes que tiverem morrido; quanto aos que estiverem vivos, na sua volta, serão transformados e se juntarão a ele. Quando ele vier, estabelecerá o juízo final, destruirá o anticristo e lançará Satanás e seus demônios no lago de fogo eterno; criará novos céus e nova terra, para a habitação de Deus com seu povo. Os sinais prenunciadores da volta de Jesus estão se intensificando mais e mais.

Estudo 11 - MILÊNIO, PUNIÇÃO DO MALE ARREBATAMENTO

Milênio é um termo que foi criado pela teologia, por causa da referência a “mil anos” que se encontra em Apocalipse 20.4-7, onde há referência a um período de mil anos de reinado de Jesus sobre toda a terra. Há três correntes doutrinárias a respeito do milênio: Pré-milenistas, que crêem que o mundo chegará a uma crise, e Jesus voltará e inaugurará o milênio; Pós-milenistas, que crêem que o mundo vai melhorar pela atuação dos cristãos e chegará a um período de paz, justiça e prosperidade; ao fim, Satanás tumultuará essa paz, e Jesus

virá; Amilenistas, que crêem que o milênio, é simbólico, que já está operando, desde que Jesus instituiu a igreja, e que terminará com sua volta para imediato juízo final e consumação de as duas coisas. Na Bíblia não há base realmente nem para o pós-milenismo nem para o pré-milenismo, esbarrando todas as teorias em sérias dificuldades.

Devemos guardar a misericórdia e a compaixão quando enfrentamos divergências como esta, a respeito do milênio. O que importará é sermos achados imaculados, irrepreensíveis e em paz (2Pd 3.14).

Estudo 12 - DOCTRINA DA PREDESTINAÇÃO

Muitos crêem que Deus predestinou as pessoas que hão de ser salvas, não impedindo, entretanto, que as outras, não predestinadas, possam também o ser, se aceitarem a graça de Deus manifestada em Jesus; outros crêem que Deus predestinou as pessoas que hão de ser salvas e as que hão de ser condenadas, não dando a estas últimas nenhuma oportunidade de arrependimento e salvação; e outros crêem que Deus não predestinou nem para a salvação nem para a perdição as pessoas individualmente, mas, sim, predestinou o meio de salvação, Jesus, e o critério seletivo, a fé. Esta última posição é a mais bíblica, porque está de acordo com a revelação de que Deus é amor, é perfeito em todos os seus atributos e quer que todos se salvem e cheguem ao conhecimento da verdade.

Estudo 1

IGREJA, O CORPO DO SENHOR

Textos básicos: Mateus 16.13-18; Atos 2.41-47; Romanos 12.4,5; 1Coríntios 12.12-31; Efésios 3.10; 5.22,23; Colossenses 1.18-22

O mundo não conheceu, até o advento do evangelho do Senhor Jesus, nenhum agrupamento humano, nenhuma instituição, nenhuma realidade de ajuntamento de pessoas solidárias como a igreja. O Senhor Jesus a instituiu pequenina, de início, como um grão de mostarda, e ela cresceu e se multiplicou em milhares e milhares de outras igrejas, em todo o mundo, trabalhando para a glorificação de Deus e crescimento de seu reino. O Senhor a instituiu, deu-lhe o Espírito Santo, providenciou-lhe a sua Palavra de Revelação, e a incumbiu de ser o seu corpo visível no mundo, para sustentar e expandir o reino que ele começou.

Muitos confundem o conceito de Igreja com o povo de Deus; reino de Deus; estado político de natureza religiosa; igreja universal; igreja nacional etc. Muitos não entendem a natureza dela, sua constituição, suas prerrogativas, seu governo, sua missão no mundo. E, moderna-mente, alguns, como que envergonhados de seu nome, já o substituíram pela palavra “comunidade” e, irrequietos em relação à situação de penúria do mundo no tocante à política, economia, alimentação e educação, querem transformá-la em agência de

cunho ativista, instrumento de alguma ideologia, ou de ação social, desviando-a de sua verdadeira missão.

Essa confusão de conceitos a respeito do que seja uma igreja de Cristo, sua constituição, seu governo e sua verdadeira missão traz, como consequência, desvios de comportamento ético e de atuação dos crentes no mundo, prejudicando e retardando a expansão do reino de Deus. É, pois, absolutamente necessário que os crentes em Jesus, agregados em igrejas, tenham uma clara compreensão dessa realidade humano-divina de que fazem parte.

QUE É UMA IGREJA NEOTESTAMENTÁRIA?

Deve-se entender por “igreja neotestamentária” a que corresponde ao ensino do Novo Testamento; a igreja cuja instituição, natureza, missão, disciplina, culto, atuação, prerrogativas, governo, obreiros, dependência do Senhor Jesus e de sua Palavra e modelo ético de vida comportamental estejam em harmonia com as igrejas mencionadas no Novo Testamento e com os princípios nele registrados. À medida que uma igreja vai fugindo desses padrões e princípios do Novo

Testamento, vão deixando de ser Neotestamentária; e nós, batistas, que nos caracterizamos ao longo da história pelo zelo escrupuloso de seguirmos todos os ensinamentos do Novo Testamento, daí querermos ter a exata compreensão do que seja uma igreja de Cristo.

As igrejas aparecem, no Novo Testamento, como congregações independentes umas das outras, completas em si mesmas, sob a autoridade exclusiva de Jesus Cristo, que a governa como Cabeça, tomando a Palavra de Deus como norma de ação e comportamento e adoração, de administração democrática, lideradas por servos de Deus chamados pastores, bispos ou presbíteros, auxiliados por diáconos no exercício da beneficência, cujo fim é a adoração a Deus, a edificação dos crentes e a propagação do evangelho de Cristo por todo o mundo, aguardando em santidade de vida a volta do Senhor Jesus. Essas congregações, formadas de pessoas regeneradas e batizadas na base de sua fé em Jesus como o Filho de Deus, se identificavam pelos nomes dos lugares em que estavam localizadas.

A igreja neotestamentária nunca aparece como sendo a coletividade de crentes de vasta região ou de um país, como igreja nacional, mas sempre como uma congregação local independente das demais congregações também locais. Não há, no Novo Testamento, a Igreja da Ásia, mas as igrejas da Ásia. No Apocalipse, por exemplo, Jesus ordenou a João que escrevesse à sete igrejas, e não a uma igreja da Ásia:

"O que vês, escreve-o num livro, e envia-o à sete igrejas: a Éfeso, e a Esmirna, a Pérgamo, a Tiatira, e a Sardes, a Filadélfia e a Laodicéia" (Apocalipse 1:11).

A linguagem que muitos usam, em nossos dias, a respeito da igreja, como "a igreja evangélica brasileira", a igreja do Estado tal, ou da cidade tal não encontra nenhum apoio no Novo Testamento e é uma invenção da mente humana resultante do afastamento da realidade das Escrituras. Por outro lado, o costume que nós, batistas, temos de nos referir a uma igreja como "igreja local" também é um erro, porque dentro do conceito de igreja neotestamentária "igreja" só pode ser, mesmo, local.

O SIGNIFICADO DA PALAVRA "IGREJA"

A palavra "igreja" vem da expressão grega *ek kaléo*, que significa, literalmente, "chamo para fora". A idéia é de uma assembléia de pessoas convocadas para saírem da rotina comum da vida para se dedicarem a uma atividade específica. Entre os gregos, a expressão era usada para designar a assembléia de cidadãos, convocados para tomarem decisões sobre a administração da cidade. A idéia fundamental da palavra igreja é a de *uma congregação formada de pessoas convocadas para a realização de uma tarefa específica*.

A Antigo Testamento já registrava a idéia de assembléia de servos de Deus. A palavra é *qahal* (Hebraico) que tem o sentido literal

Estudo 7 - O REINO DE DEUS

O reino de Deus é o reinado dele nos corações dos homens que, alcançados pela sua graça, pelo arrependimento e fé em Jesus, se tornaram seus súditos. Já está entre nós e Jesus já reina; mas o reino também ainda virá, consumando-se na volta de Jesus. É de natureza espiritual e moral, e não tem aparência exterior, com território ou rei político em um trono. As qualidades dos que a ele pertencem são: humildade, mansidão, sede de justiça, misericórdia, retidão de coração, espírito de pacificação, paciência (Mat 5:3-11).

Estudo 8 - A IGREJA E AS ORDENANÇAS DO SENHOR

As ordenanças do Senhor para suas igrejas são duas: batismo e ceia. Nós, os batistas, não cremos em sacramentos, mas em ordenanças. Sacramento é um ato religioso ao qual se atribui o poder de conferir uma graça. Ordenança, entretanto, é uma solenidade memorial e simbólica de verdades espirituais. A igreja católica tem sete sacramentos; as igrejas reformadas têm dois sacramentos; os batistas não têm nenhum. Essa é uma das diferenças entre batistas e protestantes.

O batismo real é por imersão e simboliza a morte e sepultamento do velho homem de pecado, e a ressurreição de uma nova criatura para Deus; e a ceia é um memorial: lembra a morte do Senhor Jesus, ao mesmo tempo que afirma que ele voltará - "até que venha". A ceia é para ser celebrada restritamente

(pelos membros da igreja mais algum visitante que seja membro de outra igreja batista da mesma confissão, por causa da consciência). A ceia não é para ser levada a pessoas individualmente, mas deve ser celebrada sempre com a noção de corpo de Cristo, congregacionalmente, e sempre apenas pela igreja e nunca por ajuntamentos ou por quaisquer instituições, mesmo que religiosas.

Estudo 9 - O CRENTE FACE AOS GRUPOS HERÉTICOS

Desde os tempos apostólicos começaram a surgir falsificações do evangelho, ou heresias, como, por exemplo, a heresia dos judaizantes, a dos gnósticos e outras. Hoje em dia proliferam as heresias, algumas influenciando crentes e igrejas. o remédio contra essas heresias é o intenso e fiel doutrinação das igrejas, para que cada servo de Deus, por si mesmo, rejeite as falsidades, por mais sedutoras que sejam.

Exemplos de grupos heréticos: Testemunhas de Jeová; Adventistas do Sétimo Dia; Mórmons; Ciência Cristã; Igreja Perfeccionista. Essas heresias são as que procuram ter aspecto de evangelho. Além delas existem as muitas religiões míticas e de iluminação. Essa proliferação faz parte da formação da grande apostasia, e devemos olhá-la com naturalidade, sem nervosismos, preparando-nos na Palavra para resistirmos à doutrinas de homens ímpios, à doutrinas estranhas e de demônios, como Paulo a elas se referiu.

dia que os primitivos crentes se reuniam para cultuar a Deus. O sábado do Antigo Testamento é uma comemoração da criação; o "sábado" (descanso) cristão é uma comemoração da ressurreição do Senhor. E por essas razões que as igrejas de Cristo separaram o primeiro dia da semana para o descanso e culto e atividades da Causa, deixando de guardar o sábado judeu.

Estudo 4 - IGREJA E MORDOMIA

Mordomo é aquele que administra os bens de outrem. Mordomia cristã é o exercício da administração de tudo o que Deus nos concedeu para a sua glória. Ele é dono de tudo: da terra e de tudo o que nela existe. Ele é dono dos seres. É nosso dono, de nosso corpo, mente, talentos, tempo, palavra, poder de exercermos influência e de nossos bens materiais. Tudo é de Deus. A prática da mordomia cristã assenta-se em dois princípios: 1) A Deus pertence tudo; 2) Somos servos de Jesus Cristo.

A forma que Deus estabeleceu para a mordomia dos bens é o dízimo de tudo. O dízimo é antes da lei (Abraão é antes da lei, e deu o dízimo de tudo); é da lei (Malaquias 3:10) e é depois da lei (Mateus 23:23). Uma das mais evidentes manifestações de fidelidade e fé é a prática leal do dízimo.

Estudo 5 - O CRENTE E A SANTIFICAÇÃO

A santificação começa na regeneração da pessoa, e prossegue por toda a continuação da vida

cristã. Santificação é a separação das coisas pecaminosas e da vã maneira de viver para pertencer ao Senhor e a ele se dedicar. A palavra santo significa "separado". Os crentes são chamados, no Novo Testamento, de santos, porque foram separados para o Senhor. A base para a doutrina da santificação está no fato de que Deus, que nos chamou e nos adotou em Cristo como filhos, é santo (Levítico 19:2). Por isso, o apóstolo Pedro exortou os crentes: "Sede (...) santos" (1Pedro 1:13-16).

Os recursos para a santificação são: andar pelo Espírito; a oração; a fidelidade à Palavra de Deus; a participação nos cultos; o exercício de uma sã consciência. Não existe impecabilidade de crente. O crente está sujeito a pecar, e deve confessar o pecado com arrependimento e se separar do erro e do pecado.

Estudo 6 - O CRENTE E A MORTE

A morte é uma consequência do pecado. Ele entrou no mundo por causa da desobediência de Adão e passou a todos os homens.

O Senhor Jesus venceu a morte em sua ressurreição para todos os seus servos. Todo crente que morre imediatamente vai para a presença de Deus, em forma corpórea de glória. Não existe purgatório: é invenção da igreja católica; não é verdade que as almas ficam dormindo na sepultura aguardando a volta de Jesus. A Bíblia ensina salvação imediata, ida para o céu após a morte, para o crente, que não precisa mais ter pavor dela.

de congregação. Os judeus pensavam em *qahal* como um grande ajuntamento de pessoas pertencentes ao reino de Deus. Quando os judeus foram dispersos pelo mundo, por estarem longe de Jerusalém, onde estava o templo, criaram as sinagogas, onde se reuniam para cultuar a Deus, para se dedicarem ao ensino das Escrituras e para julgarem as pendências que surgiam entre os membros de suas comunidades. A palavra sinagoga originou-se da expressão grega *sun ago*, que quer dizer, literalmente, "vou com", expressando a idéia de companheirismo, ajuntamento e solidariedade.

A palavra do Novo Testamento para essa idéia de corpo de pessoas convocadas para a realização de um interesse comum é *eklesia*, que veio a ser, em nossa língua, *igreja*.

Notemos que nas expressões *qahal*, *sinagoga* e *igreja*, a idéia fundamental é a de congregação. A idéia expressa pela palavra na realidade no Novo Testamento é, então, a de um corpo de pessoas chamadas por Deus para fora de sua antiga maneira de viver, para juntas formarem uma corpo de discípulos de Jesus, com o fim de adorarem a Deus, aprenderem a doutrina, manterem a comunhão uns com os outros, celebrar as ordenanças do Senhor Jesus e testemunharem do evangelho para conversão de outras pessoas. (leia-se, a propósito, Atos 2:41-47).

NATUREZA DA IGREJA

Rom. 12:3-8; 1Cor. 12:12-17.

O ensino do Novo Testamento é que a igreja é uma congregação

constituída com a intenção de permanência indeterminada, de pessoas regeneradas e salvas por Jesus Cristo, tendo por cabeça o Senhor Jesus, e orientadas pelo espírito Santo, tendo a Bíblia com sua regra de fé e de comportamento, unidas em torno dos mesmos interesses e costumes, com a finalidade de cultuar a Deus, edificar-se a si mesma e promover o desenvolvimento do reino de Deus.

Essa congregação é permanente e não fugaz a transitória. Um ajuntamento de crentes num determinado lugar, para uma concentração evangelística, por exemplo, não é uma igreja. A igreja é um corpo. É o corpo de Cristo. Tem organização permanente, intenção de permanência indefinida e tem determinadas prerrogativas que um ajuntamento transitório não tem.

A figura usada pelo apóstolo Paulo para oferecer a idéia do que é uma igreja é a do corpo humano: "Pois assim como em um corpo temos muitos membros, e nem todos os membros têm a mesma função, assim nós, embora muitos, somos um só corpo em Cristo, e individualmente membros uns dos outros" (Romanos 12:4,5); "Porque, assim como o corpo é um, e tem muitos membros, e todos os membros do corpo, embora muitos formam um só corpo, assim também é Cristo" (1Coríntios 12:12).

A cabeça do corpo é Cristo: (Efésios 5:23). Nós somos membros dotados de diferentes dons concedidos pelo Espírito Santo para a realização de tarefas de diferentes naturezas, para que a igreja possa ser

edificada e possa cumprir sua missão de testemunhar com a pregação do evangelho. A igreja é, portanto, um organismo completo em si mesmo. Existe, é claro, a idéia no Novo Testamento de Igreja como a grande assembléia dos salvos que habitarão com Deus, consumada a obra de redenção, mas a ênfase é sobre igrejas como as congregações de discípulos, cada uma delas formando um corpo.

PRERROGATIVAS DAS IGREJAS DO NOVO TESTAMENTO

Há certos atos e decisões que são prerrogativas exclusivas das igrejas de Cristo, em virtude de serem elas corpos independentes instituídos pelo próprio Senhor para a promoção do reino de Deus. Entre esses atos e decisões, podemos mencionar:

1. A realização das ordenanças do Senhor, que são batismo e ceia. Nenhuma pessoa, por si só, e nenhuma instituição das que foram criadas para cooperação com as igrejas pode realizar as ordenanças de Jesus.

2. Consagração de pastores. Quem consagra é a igreja, para o seu próprio ministério. Os concílios representativos de outras igrejas da mesma confissão é uma praxe salutar, porque quando uma igreja, na sua independência, promove uma consagração, o faz consciente de que aquele ato deve ter validade e aceitação por parte das outras igrejas. Convenções, Ordens de Pastores, Juntas etc não podem promover consagração de pastores.

Esta é uma prerrogativa da igreja.

3. Disciplina. Somente a igreja pode determinar critério de comportamento segundo sua consciência dos ensinamentos do Novo Testamento.

ORIGEM E FUNDAMENTO DA IGREJA - Mateus 16:13-18.

A igreja é uma instituição composta de pessoas humanas, porém divina em sua origem, em seu fundamento e em seus propósitos. A igreja foi constituída pelo próprio Senhor Jesus. A igreja surgiu como resultado de propósito e planejamento deliberado da parte de Deus (Mateus 16:18). Quanto ao fundamento da igreja, a controvérsia gira em torno do sentido da "pedra" sobre a qual o Senhor disse que edificaria sua igreja. Mas o ensino do Novo Testamento é que o fundamento da igreja é Cristo. Em Efésios 2:19-21 está claro que a igreja é edificada sobre o fundamento dos apóstolos e dos profetas, sendo o próprio Cristo Jesus a principal pedra de esquina; "no qual todo o edifício bem ajustado cresce para templo santo no Senhor".

CONCLUINDO

A igreja de Cristo é uma instituição única sobre a face da terra, que tem uma missão específica (a de fazer com que a realidade de Deus e de seu Filho manifeste através da evangelização. São corpos locais e completos, que têm somente Jesus Cristo como cabeça e vivem sob a liderança de pastores que devem andar segundo as Escrituras.

Estudo 13

RECORDANDO O QUE ESTUDAMOS

Estudo 1 - IGREJA, CORPO DO SENHOR

A igreja é sempre uma congregação local. É o corpo de Cristo. É constituída por pessoas regeneradas que professaram publicamente sua fé e se submeteram ao batismo segundo o modelo do Novo Testamento. O ensino do Novo Testamento é que existem igrejas. Nós, batistas, temos igrejas espalhadas por todo o Brasil e não uma "Igreja Batista Brasileira". As igrejas são independentes em suas decisões, não reconhecendo sobre elas nenhuma autoridade humana, nem de pessoas, nem de instituições, tendo como cabeça apenas Jesus Cristo, regendo-se somente pelas Escrituras como orientação da fé e padrão de conduta.

São prerrogativas exclusivas das igrejas a realização das ordenanças do Senhor, a consagração de pastores e diáconos e o exercício da disciplina sobre seus membros.

Estudo 2 - GOVERNO E OFICIAIS DA IGREJA

As igrejas do Novo Testamento tiveram governos democráticos, pelo que lemos da maneira como viveram e atuaram: tinham tudo em comum; elegeram outro apóstolo,

elegeram diáconos; resolveram a questão doutrinária referente aos crentes de Antioquia da Síria etc. Nós batistas adotamos esse sistema de governo eclesiástico.

Os oficiais bíblicos das igrejas são pastores e diáconos. Os pastores conduzem o rebanho dentro dos princípios estabelecidos por Jesus Cristo e os seus apóstolos para as igrejas, contidos no Novo Testamento e os diáconos cuidam da beneficência nas igrejas, permitindo aos pastores uma dedicação mais exclusiva aos aspectos espirituais.

Estudo 3 - A IGREJA, O DIA DO SENHOR E O CULTO

Cultuar a Deus é uma atividade inerente à natureza da igreja de Cristo. O culto que agrada a Deus é aquele que é prestado em espírito e em verdade, daí a necessidade de exame, por parte das igrejas, dos cultos que prestam a Deus, para não se deixarem misturar com carnalidade, mundanismo, superstições, costumes e doutrinas de homens e não da Palavra de Deus.

O dia do Senhor é o primeiro da semana, e assim ficou sendo conhecido e virtude de que: 1) Jesus ressuscitou nesse dia; 2) Jesus apareceu nesse dia aos discípulos; 3) Era nesse

propósito eterno de Deus, manifestado na salvação. O propósito de Deus é eterno e não circunstancial ou acidental, por isso mesmo nada o pode anular. A raça toda, por inteiro, se desviou, se depravou e se tornou inútil em relação ao propósito eterno de Deus, ou seja, a predestinação do homem para formar o povo de Deus (Romanos 3:12,23); e por isso mesmo se manifestou a graça de Deus para restabelecer essa predestinação.

Deus não criou o homem sem saber para o que ele serviria no universo, como um inventor que inventasse uma máquina para depois, então, lhe dar um destino. Antes de criar o homem segundo o padrão que é o Verbo Eterno, Deus predestinou o homem para formar o seu povo. Visto ter havido a queda e o desvio, Deus providenciou sua salvação, para recolocar os que cressem em sua finalidade e utilidade predeterminados. Por isso mesmo é que o Cordeiro de Deus foi morto desde antes da fundação do mundo (Apocalipse 13:8). Deus, tendo o pré-conhecimento de todas as coisas, de todas as possibilidades, ao criar o homem, predestinando-o a ser seu povo, logo providenciou a salvação. Em Cristo, padrão do homem, Deus o conheceu, elegeu e predestinou para a formação de seu povo de piedosos e, diante da probabilidade de queda, ele nos predestinou também, a todos, para a salvação em Cristo. Essa predestinação não se expressa nem se realiza em Deus escolher uns para salvar e outros para condenar, mas

Em estabelecer uma virtude seletiva que é a fé. Portanto, a salvação, quer para judeus, quer para gentios, ensinava Paulo aos romanos, era uma realidade operada por Deus na História não como providência ocasional ou acidental, mas como um plano eterno cuja eficácia já estava providenciada antes mesmo de iniciada a obra de criação com a morte do Cordeiro.

Nossa salvação está em Cristo Jesus, varão perfeito, o segundo Adão. Nele é que fomos conhecidos, eleitos e predestinados. Os que se perdem, perdem-se não porque Deus os tenha rejeitado, desde a eternidade, e sim porque, fazendo parte da raça decaída e inutilizada, não creram no Filho de Deus. Como dissemos no início, Deus predestinou o meio de salvação, único meio, e predestinou o critério de salvação ou perdição, a saber, crer ou não crer. Nunca, entretanto, pessoas individuais e identificadas para se perderem eternamente sem nenhuma oportunidade de valer-se da graça de Deus.

CONCLUINDO

O ensino claro e insofismável de Jesus e de toda a Escritura, é o amor universal de Deus, e seu desejo de que todos se salvem. É que Ele predestinou o meio de salvação, Jesus Cristo, e o processo seletivo para a salvação e para a condenação. Por isso mesmo é nosso dever levar o evangelho a toda criatura, para que a graça de Deus possa alcançar todos os perdidos, porque Jesus morreu por todos.

Estudo 2

GOVERNOS E OFICIAIS DA IGREJA

Textos básicos: Atos 1.15-26; 6.1-7; 11.19-30; 1Coríntios 5.4-7; Efésios 4.11,12; 1Timóteo 3.1-13

Governar é dirigir, é “regular o andamento de (alguma coisa), conduzir”; “é exercer autoridade e poder de administrar e dispor” (FREIRE, Laudelino, *Grande e Novíssimo Dicionário da Língua Portuguesa*, Livraria José Olímpio Editora, São Paulo, Vol. III, p. 2755). Em um grupo humano organizado, governo é o sistema envolvendo princípios, normas e pessoas que exercem autoridade no sentido de dirigir e administrar, tomando decisões, julgando, estabelecendo modelos de comportamento e plano de ação e executando decisões.

Não há, no Novo Testamento, um ensino sistemático e objetivo a respeito do governo das igrejas. Há, entretanto, episódios, circunstâncias e admoestações que nos permitem entender como viviam as igrejas cristãs primitivas, e que nos fornecem os princípios e elementos indispensáveis para compreendermos como devem as igrejas de Cristo hoje ser governadas. Esses ensinamentos dispersos no Novo Testamento revelam-nos tanto a forma de governo das igrejas como os ministros que as lideravam no exercício desse governo. Há, portanto, uma base de segurança para o estabelecimento da verdade a respeito de qual o tipo de governo e

quais os ministros que as igrejas de Cristo devem manter, hoje, para que se considerem igrejas neotestamentárias.

FORMAS DE GOVERNO ECLESIAÍSTICO EXISTENTES HOJE

O filósofo grego Aristóteles “classificou os governos em três tipos: monarquia, governo de um só; aristocracia, governo de vários; democracia, governo de grande número” (PIMENTA, Joaquim, *Enciclopédia de Cultura*, Livraria Freitas Bastos, Rio de Janeiro, vol. I, p. 305). E as igrejas, como agrupamentos humanos organizados, refletem em si os fenômenos sociais, como governo, apresentando essas três formas, segundo os rumos históricos que tomaram as várias confissões religiosas. O catolicismo romano adotou a forma de governo monarquista despótico, sistema que concentra a autoridade de decisão numa só pessoa, o papa; as igrejas protestantes, de modo geral, adotaram o sistema de governo aristocrático, ou oligárquico, em que a autoridade é exercida por pequenos grupos, como conselhos, concílios, presbitérios, sínodos etc. As igrejas

batistas adotaram o sistema de governo democrático, ou congregacional, em que a autoridade de decisão recai sobre a igreja toda.

Quanto às pessoas que materializam a autoridade para a tomada de decisões e gerência das ações práticas, as duas primeiras formas são hierárquicas, isto é, funcionam através de pessoas que ocupam posições que formam escalas de poder e submissão, até chegar-se à autoridade máxima que comanda a todos, enquanto a última forma não tem hierarquia eclesiástica. A igreja católica tem papa, cardeais, arcebispos, bispos e padres; as igrejas protestantes têm pastores, presbíteros e diáconos que formam uma espécie de hierarquia. Algumas igrejas têm também bispos, que superintendem um certo número de pastores numa região, reportando-se eles, os bispos, por sua vez, a uma autoridade maior que é o presidente de algum órgão de autoridade e direção. As igrejas batistas não têm hierarquia. Têm apenas dois ministérios oficiais (porque são bíblicos), que são pastorado e diaconato, não havendo entre eles nenhum grau de escala de poder, mas tão-somente atribuições específicas para áreas de serviço.

A FORMA DE GOVERNO DAS IGREJAS NEOTESTAMENTÁRIAS

Há muitas passagens no Novo Testamento que evidenciam terem

sido as primeiras igrejas democráticas em sua forma de governo, das quais citaremos algumas, como segue.

1. Atos 1.15-26 - Reunidos cerca de cento e vinte discípulos, Pedro lhes expôs a necessidade de ser escolhido um irmão para ocupar o lugar do apóstolo deixado por Judas, o traidor. Foi escolhido Matias, por voto comum (v. 26). A igreja que estava começando, em Jerusalém, era ela própria que tomava as decisões. A igreja era congregacional, e tomava ela mesma as decisões.

2. Atos 6.1-7 - Com o crescimento rápido da igreja em Jerusalém, que já contava com milhares de crentes, os apóstolos se viram demasiadamente atarefados com as coisas materiais, faltando-lhes tempo para orar, ensinar e pregar, e não davam conta de tudo, pelo que começou a haver discórdia. Então, foram constituídos sete irmãos aos quais foi dada a incumbência de administrarem a distribuição dos mantimentos entre as viúvas. Foi instituído, assim, o diaconato na igreja. Observemos que os apóstolos não escolheram os diáconos, apesar de terem sido eles quem determinaram a escolha e fizeram a imposição de mãos (v. 3-6). Quem exerceu a escolha foi a própria igreja, e não um grupo ou uma pessoa.

3. Atos 11.19-30. Formou-se uma igreja em Antioquia da Síria.

nem sombra de variação" (Tiago 1:17). Se Deus ama o mundo inteiro, a ponto de dar pela sua salvação o Filho Unigênito, como iria, desde a eternidade, determinar que criaria alguns para mantê-los eternamente perdidos?

3. Tito 2:11 - "Porque a graça de Deus se manifestou, trazendo salvação a todos os homens". Não precisamos comentar.

4. Hebreus 2:9 - Jesus provou a morte por todos os homens. Sua morte vicária não teve virtude parcial, não se destinou a alguns apenas, mas a todos os homens: "(...) para que, pela graça de Deus, provasse a morte por todos".

Em resumo: 1) Deus ama o mundo inteiro, e não apenas alguns homens; 2) O propósito misericordioso de Deus se manifestou em relação a toda a humanidade desde o princípio; 3) Deus quer que todos os homens se salvem; 4) Jesus Cristo é o Mediador por todos os homens; 5) Jesus Cristo se deu em preço de redenção por todos os homens; 7) Todo esse ensino corrobora o que diz Deus através do profeta Malaquias: "E não fez ele somente um, ainda que lhe sobejasse espírito? E por que somente um? Não é que buscava uma descendência de piedosos?" (Malaquias 2:15).

O propósito eterno de Deus é a criação de um povo de piedosos para si; por isso criou o primeiro homem; e por isso mesmo ele não tem nenhum prazer na morte de ninguém (Ezequiel 18.32; 33.11).

COMO ENTENDER BIBLICAMENTE PREDESTINAÇÃO E ELEIÇÃO?

A corrente de interpretação que adota a doutrina da predestinação calvinista procura apoio, principalmente, em duas passagens bíblicas:

1. Efésios 1:3-14 - O sentido desta passagem é que Deus criou o homem à sua imagem, segundo o padrão que é Cristo. Nele é que Deus, antes de existirmos, nos amou, elegeu e predestinou. Toda a humanidade estava potencialmente nele. Por isso mesmo é que sua morte é eficaz para toda a humanidade. O Verbo de Deus, como forma de expressão e manifestação histórica de Deus, é o nosso representante não somente em sua morte, mas também na criação. Nos versículos 11 a 13, tratando da predestinação, Paulo fala em "nós" e "vós". O povo judeu (Paulo diz nós) foi predestinado, projetado por Deus, para ser o louvor e a glória de Deus. Os gentios (vós) estavam antes de fora, mas depois de ouvirem o evangelho e receber o penhor do Espírito passaram a pertencer, também, ao povo de Deus. Trata-se de uma predestinação que nada tem a ver com indivíduos criados uns para a salvação e outros para a perdição. A predestinação a que Paulo se refere é a do povo escolhido, os judeus.

2. Romanos 8:28-30 - O triunfo da graça de Deus é completo sobre o pecado e suas consequências, podendo oferecer aos salvos, quer fossem judeus, quer gentios, absoluta segurança, visto que há um

foi ferido por causa das nossas transgressões, e esmagado por causa das nossas iniquidades; o castigo que nos traz a paz estava sobre ele, e pelas suas pisaduras fomos sarados". Assim sendo, a primeira consequência da doutrina da predestinação calvinista é a redução do sacrifício vicário de Cristo em seus efeitos. Cristo teria morrido não por toda a humanidade, mas apenas por parte dela, visto que muitos, já desde a eternidade, pelo decreto de Deus, não de se perder irremediavelmente, para Deus manifestar sua justiça. Isso é pensamento e atitude de coração e cabeça de homens, em sua imperfeição, e não de Deus, que é perfeito em todos os seus atributos. A manifestação da justiça de Deus se fez na morte vicária de Jesus e há de se manifestar, no final, com a rejeição de Satanás, seus anjos, e todos os ímpios que tiverem rejeitado a graça salvadora de Deus. Criar um ser propositalmente para fazê-lo ficar eternamente no inferno é ato de uma mente odienta e perversa, e não do Deus que é amor, o Deus das muitas misericórdias, de quem a Bíblia diz claramente, quer que todo homem se salve.

O PROPÓSITO DE DEUS PARA O HOMEM

Desde o princípio Deus tem manifestado seu bondoso propósito com respeito ao homem, visando à salvação de toda a humanidade. É verdade que escolheu um povo especial, e que escolheu certos homens, mas tanto povo como homens especiais faziam parte do

propósito de Deus como instrumentos para que sua graça fosse manifestada para toda a humanidade. Quando Deus chamou Abraão, para formar dele seu povo escolhido, lhe disse que nele seriam benditas todas as famílias da terra (Gênesis 12:2,3). Essa disposição da vontade de Deus em relação a toda a humanidade aflora, no Novo Testamento, em várias passagens:

1. 1Timóteo 2:1-6 - No versículo 1, Paulo recomenda a Timóteo que ore por todos os homens. Por que orar por todos, se uma parte da humanidade já estivesse, desde a eternidade, preservada para a condenação? No versículo 4, Paulo declara, expressamente, que Deus quer que todos os homens se salvem. No versículo 5, Paulo diz que Cristo é o único Mediador entre Deus e os homens (todos, e não apenas de alguns). Por que haveria de ser Mediador de todos, se alguns, de modo algum, não se pudessem salvar por proibição antecipada de Deus mesmo? No versículo 6, Paulo ensina que Jesus se deu em preço de redenção por todos. Para que pagar o preço por todos, se alguns jamais poderiam escapar da condenação previamente imposta?

O que Paulo ensinou na mencionada passagem é completamente contrário à idéia de uma predestinação, da parte de Deus, de homens para a perdição.

2. João 3:16 - Essa passagem ensina o que todos nós crentes estamos sempre a repetir: Deus ama o mundo inteiro, e mundo inteiro é humanidade inteira. A Bíblia ensina que em Deus não pode haver "mudança

Quando a igreja de Jerusalém soube, mandou para lá Barnabé, para averiguação: "e enviaram Barnabé a Antioquia"(v.22). A igreja foi que enviou. Paulo foi chamado a ajudar na igreja. Então, os discípulos tomaram conhecimento de uma fome que assolava a Judéia e, por isso, "os discípulos resolveram mandar, cada um conforme suas posses (...) o que eles [discípulos] com efeito fizeram, enviando-o aos anciãos por mão de Barnabé e de Saulo" (v.29,30). Era a igreja como um todo que decidia e agia.

4. Atos 15:1-34 - Os judaizantes provocaram tal confusão em Antioquia da Síria, que a igreja mandou Saulo, Barnabé e Silas a Jerusalém para esclarecimentos. Notemos, desta passagem, que o assunto foi resolvido não por um homem, ou por um grupo de pessoas, mas por toda a igreja. Podemos destacar: "E, quando chegaram a Jerusalém, foram recebidos pela igreja (...) Então toda a multidão se calou e escutava a Barnabé e a Paulo (...) Então apareceu bem aos apóstolos e aos anciãos com toda a igreja escolher homens dentre eles e enviá-los a Antioquia com Paulo e Barnabé" (v.4,12,22).

5. Para completar, lembremo-nos de que a disciplina da igreja, a autoridade de cortar alguém da comunhão, era da igreja, conforme Mateus 18:17, 1Coríntios 5:4-7; 2Coríntios 5:9-13; e quando Jesus se revelou ao apóstolo João na ilha de Patmos, mandou que ele escrevesse às sete igrejas da Ásia, reconhecendo-as, destarte, como corpos,

congregações, que tinham, elas próprias, a autoridade de tomar decisões (Apocalipse 1:11).

As igrejas primitivas praticavam atos com escolher um novo apóstolo, escolher os sete diáconos, deliberar o levantamento de uma oferta para socorrer os irmãos da Judéia, deliberar enviar mensageiros a Jerusalém, decidir sobre a permanência ou expulsão de alguém no seio da igreja, constituir obreiros sobre si próprias etc. Essas atribuições, essas manifestações de autoridade não eram de um grupo (aristocracia ou oligarquia), não eram de um só chefe (papado ou cardinalismo), não era de um presbitério, de um sínodo, ou o que seja, mas sim das próprias igrejas, o que demonstra, sem nenhuma dúvida, que as igrejas batistas são aquelas que, historicamente, vêm mantendo intacta a forma de governo das igrejas do Novo Testamento.

OS MINISTROS OFICIAIS DAS IGREJAS NEOTESTAMENTÁRIAS

O Novo Testamento registra três títulos aplicados aos servos constituídos ministros nas igrejas, a saber: pastor, presbítero e bispo. Isso não significa que houvesse três diferentes tipos de oficiais, ou ministros, porém um só ofício, ou função do ministério, com diferentes aspectos.

1. Pastor - Os ministros da Palavra são chamados de pastores, literalmente, apenas uma vez no Novo Testamento em Efésios 4:11,12. Entretanto o verbo *apascentar*, que

define a função de pastor, aparece várias vezes. É este é o termo que as igrejas batistas preferiram para designar seus ministros. Ele tem a conotação de guiar com desvelo e amor, alimentar, dessedentar e proteger.

2. Presbítero: O termo é de origem judaica e indica aquele que tem autoridade, juízo, capacidade de aconselhar, dignidade e calma. Tem também a conotação de pessoa de idade; os homens antigos, ancestrais (Mateus 15:2; Marcos 7:3). O termo é aplicado no Novo Testamento aos mesmos que são pastores, descrevendo a dignidade de seu ofício, e a sua capacidade de segurança, presidência e aconselhamento.

3. Bispo - O sentido deste título é "superintendente". O ministro de Deus que serve a uma sua igreja é, além de pastor e presbítero, bispo, superintendente do rebanho, líder da igreja, o corpo de Cristo, que não trabalha sozinho, mas conduz os servos de Deus, com jeito e mansidão, supervisionando-os em um trabalho harmonioso na causa de Deus visando a edificação da igreja e a multiplicação do número de crentes.

Além dos pastores, as igrejas neotestamentárias tinham, também, outro cargo oficial, que era o diaconato. A origem desse ministério situa-se no início da igreja em Jerusalém (Atos 6). Sob o comando dos apóstolos, foram escolhidos pela igreja sete homens que receberam o encargo do serviço diário de distribuição de alimento entre as viúvas existentes na numerosíssima igreja. A palavra significa, lite-

ralmente, "servir à mesa", conforme João 2:5, por exemplo, em que os serventes que serviam na festa aparecem, na linguagem original, como *diáconos*. A palavra aparece também com o sentido de auxiliar, conforme Efésios 6:21, e na versão bíblica que usamos é traduzida por "ministro".

Originalmente os diáconos foram ministros auxiliares, não inferiores numa hierarquia, porém designados para uma tarefa diferente, a saber, cuidar de servir às mesas das viúvas, cuidando da beneficência nas igrejas. As igrejas de muitos lugares elevaram os diáconos à posição de administradores das finanças e do patrimônio; e alguns teólogos os colocaram como servidores responsáveis pela mesa do Senhor (ceia), mesa dos pobres (beneficência) e mesa do pastor (administração do salário pastoral). Essas idéias, entretanto, não se encontram explicitadas no Novo Testamento.

Além de pastores (presbíteros ou bispos), no tempo apostólico as igrejas tinham, também, os apóstolos e os profetas. Esses tipos de ministérios se extinguíram com a completação da revelação de Deus, não havendo nenhuma sucessão apostólica nem profetas nas igrejas de hoje. Outrossim, não há igrejas-mães, nem sacerdócio, nem chefe de uma igreja matriz, nem bispos de outros pastores.

As igrejas batistas são as que apresentam, ainda hoje, um modelo de ministério primitivo, mantendo como seus oficiais, pastores e diáconos, somente.

Estudo 12

A DOUTRINA DA PREDESTINAÇÃO

Textos bíblicos: Gên 2:2,3; João 3:16; 1Tim 2:1-6; Isa 53:5; Tito 2:11; Hebr 2:9; Apoc 13:8; Efésios 1:3-14; Rom 8:28-30.

Este é mais um assunto controvertido, do qual devemos nos aproximar com cautela para não ferirmos a compaixão para com os divergentes mas, ao mesmo tempo, com a atitude que nos caracteriza, a saber, de só aceitarmos como autoridade e fundamento de doutrina a palavra de Deus, e jamais dogmas, confissões, credos ou autoridades humanas; além disso, devemos nos lembrar que sempre que encontramos passagens de difícil interpretação não devemos formar, partindo delas, nenhuma doutrina que contrarie verdades claramente ensinadas nas Escrituras.

A DOUTRINA CALVINISTA DA PREDESTINAÇÃO

Quem primeiro elaborou uma doutrina da predestinação foi Agostinho, seguido por Tomaz de Aquino e pelo reformador Calvino, donde "predestinação é o decreto eterno de Deus pelo qual ele determinou deixar de aplicar a um certo número de homens as operações de sua graça especial, e puni-los por seus pecados, para a manifestação da sua justiça" (BERKHOF, Louis, *Teologia Sistemática*, Editora Luz Para o Caminho, p. 117).

Essa concepção chega a ser repugnante, porque contraria tudo que sabemos a respeito da natureza perfeita de Deus, de sua soberania, de seu propósito ao criar o homem, de seu amor e misericórdia, que o leva a querer a salvação de todos, a não querer que ninguém se perca. O argumento da soberania de Deus é uma fragilidade, porque a soberania de Deus não pode ser usada de modo incoerente e contraditório por ele. Soberania é o domínio absoluto do poder, é a autoridade absoluta de decidir e agir por sua própria vontade, sem nenhuma subjugação a outro qualquer poder. Mas a soberania de Deus é uma qualidade de sua natureza e de seu caráter. Deus é, também, amor, justiça e misericórdia. Sua soberania é, portanto, exercida em perfeita harmonia com sua natureza, ou seja, perfeita em todos os seus atributos. Jamais sua vontade soberana seria acionada por ele em contradição interna com qualquer de seus atributos.

A Bíblia ensina que a punição do pecado da raça humana se fez no Filho de Deus, o Cordeiro de Deus que foi morto desde antes da fundação do mundo (Apocalipse 13:8), e em Isaías 53:5 lê-se que "ele

e sim que Ele a tudo vê e esquadrinha. Se tudo é simbólico, por que, então, somente a expressão "mil anos" tem que ser interpretada literalmente? Trata-se de um autoritarismo de interpretação para impor o argumento humano; 2) Os ensinamentos de Jesus nos capítulos 24 e 25 do Evangelho de Mateus mostram acontecimentos se desenvolvendo até uma culminância, quando Jesus volta e estabelece imediatamente o juízo final, e separa salvos de condenados, manda para a prisão universal eterna os perdidos juntamente com Satanás e seus anjos. Jesus conclui a previsão de sua vinda e da consumação de todas as coisas, dizendo que "irão estes para o tormento eterno, mas os justos para a vida eterna" (Mateus 25:46); 3) A expressão "mil anos" só aparece quatro vezes, em Apocalipse 20:1-7, e não mais em qual-quer outro lugar do Novo Testamento; além de ser a única referência feita a mil anos, vimos que ela não se pode ser interpretada literalmente; 4) Paulo, escrevendo aos tessalonicenses sobre a volta do Senhor, não admite nenhum período de reinado (1 Tess 4:17), não deixando nenhuma margem para a crença em um período entre a vinda e a consumação; 5) O milênio literal faz de Cristo um rei deste mundo, político, quando ele mesmo disse que o seu reino não é deste mundo (João 18:36). 6) O milênio terreno é ilógico. Como Jesus implantaria esse período de mil anos de seu reinado, em que imperasse a paz, a justiça, o bem, enfim, para, ao final dele, deliberadamente soltar Sata-

nás para que sublevasse a terra de novo? Para quê? Para derrotar Satanás? Mas já não teria derrotado? O milênio implantaria o reino de Deus, porém haveria ainda uma reviravolta e Satanás arregimentaria o mundo para a batalha final, o que é contrário à continuidade da linha natural da história, conforme os ensinamentos do Senhor Jesus e do apóstolo Paulo.

AORDEM DOS ACONTECIMENTOS SEM O MILÊNIO LITERAL

Cumprem-se todos os sinais; completa-se o número dos que haveriam de ser salvos, por ser o evangelho pregado a todas as gentes; por isso, cessa o ministério do Espírito Santo em relação ao mundo, deixando assim desimpedido Satanás, que, embora atuando no mundo, está impedido de enganar as nações para se formarem contra Deus e seu reino; então Satanás se manifestará com sinais e prodígios, na pessoa do homem da iniquidade, na culminância da apostasia; haverá o caos, e a terra experimentará a grande tribulação que, entretanto, será abreviada pelo Senhor em virtude dos seus filhos; então Jesus virá, nessa crise, trazendo consigo os crentes que já tiverem morrido e transformará os crentes que estiverem vivos, os quais se juntarão aos demais e a Jesus, e o juízo final será estabelecido; o anticristo será morto pelo assopro da boca de Jesus, Satanás e seus anjos lançados no fogo do inferno juntamente com os ímpios e Jesus criará novos céus e nova terra para a habitação do povo redimido.

Estudo 3

A IGREJA, O DIA DO SENHOR E O CULTO

Textos básicos: *Gênesis 4:1-7; Atos 2:41-47; Hebreus 11:1-6; Isaías 1:11-18; Mateus 15:1-9; João 4:10-24; 20:1-10,19,26; Romanos 12:1,2.*

Uma das atividades inerentes à natureza da igreja de Cristo é o culto a Deus. O culto faz parte do sentimento comum de cada servo de Jesus participante de uma igreja e por isso mesmo se torna o sentimento e a alma do grupo, ou seja, da igreja toda. Uma verdadeira igreja neotestamentária quer louvar ao seu Deus e Redentor, expressar sua gratidão, prestar a Deus a adoração somente a ele devida, interceder pela Causa, estudar a Palavra de Deus, proclamar o evangelho, manter viva a comunhão dos membros do corpo uns com os outros, e dedicar seus dízimos de modo a glorificar a Deus. Enfim, quer prestar culto a Deus.

Mas o culto pode ser verdadeiro ou não, aceitável ou não da parte de Deus, e cada igreja precisa examinar, atentamente, o tipo de culto que está prestando a Deus, à luz dos ensinamentos do Novo Testamento, a fim de poder banir os costumes estranhos que ameaçam o povo de Deus de se afastar da pureza e espiritualidade dos cultos para o assemelhamento com algumas reuniões festivas de outros grupos humanos, dos de fora, em tudo carnavais e mundanas.

QUE É O CULTO?

Culto é homenagem que o ser humano presta a uma divindade. Pode ser prestada individualmente, por uma só pessoa, ou por um grupo, coletivamente. O culto cristão é a homenagem que o crente, em caráter pessoal, ou a igreja, em caráter coletivo, prestam a Deus, no nome e pela mediação de Jesus Cristo, assistência e unção do Espírito Santo. É, pois, uma atividade religiosa, espiritual, em que a alma humana, em virtude da revelação que Deus fez de si mesmo, e da experiência pessoal que com ele alcançou, procura adorá-lo e exaltá-lo, procura ouvir-lhe a voz por meio da leitura e explicação de sua Palavra, expressar sua gratidão pela salvação e bênçãos da vida cristã em orações, consagrar-se a ele para os serviços do seu reino, e dedicar-lhe, fielmente, o dízimo de tudo.

Culto é o mesmo que adoração. Adorar é cultuar. Não se pode adorar sem cultuar. Tanto adoração como culto são a expressão prática, exterior, da experiência com Deus, da submissão a ele e da inteira dependência dele. A atividade do culto, ou da adoração, é a principal manifestação da realidade de comunhão com Deus de uma igreja

Quando o culto consiste, em verdade, nessa verdadeira adoração a Deus, as relações de comunhão entre os crentes, na igreja, se aperfeiçoam, e as atividades pelas quais Deus responsabilizou as igrejas se realizam espontaneamente, como a evangelização, as missões e a obra de socorrer os pobres em suas aflições. Se não houver a adoração, todas essas atividades se esfriam e entram em decadência.

COMPONENTES DO CULTO CRISTÃO - *Atos 2:41-47*.

Trata-se de uma singela descrição da maneira como viviam os milhares de discípulos formadores da primitiva igreja em Jerusalém. Dessa descrição podemos destacar, como componentes do culto que prestavam a Deus: 1) A doutrina dos apóstolos (v.42). Eles ouviam o ensinamento dos apóstolos a respeito das Escrituras. Corresponde, hoje, ao lugar central que se dá à leitura da Bíblia e à pregação nos cultos. 2) Comunhão (v.42), ou seja, a participação amigável e fraternal uns com os outros, de verdadeiro interesse uns para com os outros, de sentimento de solidariedade, que chegou a levá-los a considerarem tudo que tinham não como propriedades individuais, mas de todos (v.54). 3) Partir do pão (v.42), ou seja, celebração da ceia do Senhor, simbolizando a morte dele na cruz, conforme ele mesmo havia instituído e ordenado que seus discípulos fizessem; isso corresponde à celebração das ordenanças

de Jesus; 4) Orações (v.42); 5) Louvor (v.47): "Louvando a Deus, e caindo na graça de todo o povo".

Das atividades mencionadas acima é que consistiam os cultos que a primitiva igreja de Jesus prestava a Deus. Basicamente, são esses os elementos constitutivos, hoje, dos cultos que prestamos a Deus: Pregação da Palavra, da doutrina, para edificação da igreja e para a conversão de pecadores; oração de ação de graças pela salvação e pelas bênçãos da vida cristã, de intercessão uns pelos outros e pela realização da obra de Deus; cumprimento das ordenanças de Jesus, batismo e ceia; entrega a Deus de nossos bens através dos dízimos a ele dedicados, e o louvor a Deus através de cânticos espirituais. O conjunto dessas atividades é o nosso culto a Deus; é a nossa adoração a ele.

CULTOS QUE NÃO AGRADAM A DEUS

Como pode acontecer com qualquer tipo de atividade humana, o culto, também pode ser completamente desviado de sua verdadeira natureza e finalidade. Existem cultos que não agradam a Deus.

1. O culto de Caim (Gênesis 4:1-7) - Caim oferecera a Deus um sacrifício para o qual Deus não atentara, enquanto aceitara a oferta de Abel. O autor da carta aos Hebreus diz que "Abel pela fé ofereceu a Deus mais excelente sacrifício do que Caim, pelo qual alcançou testemunho de que era justo" (Hebreus 11:4). O culto de Abel agradou a Deus por-

Cristo. Jesus já reina. Ele mesmo declarou que o reino de Deus "está entre vós"; os crentes que já morreram e estão com ele em forma corpórea no céu reinam com ele, e o evangelho está sendo confundido; pela atuação do Espírito Santo no mundo, Satanás está impedido, limitado, "amarrado", e não pode sair enganando as nações do mundo para que adorem a ele, Satanás, como sendo Deus. O mal e o bem crescerão juntos, como o trigo e o joio, haverá apostasia, a grande aflição e o aparecimento do homem da iniquidade de que fala Paulo em 2 Tessalonicenses 2. Nessa crise Jesus voltará para o imediato juízo final, destruição de todo mal, ressurreição dos mortos e transformação dos que estiverem vivos, criação de novos céus e nova terra para habitação dos salvos, e destruição por fogo da velha terra. Os amilenistas "mantêm que a Bíblia não prevê um período de paz e justiça universais antes do fim do mundo. Eles crêem que haverá um crescimento contínuo do bem e do mal no mundo que culminará na Segunda Vinda de Cristo (...) crêem que o reino de Deus está presente agora no mundo, enquanto o Cristo vitorioso governa seu povo através de sua Palavra e Espírito (...) Os amilenistas interpretam o milênio mencionado em Apocalipse 20 como uma descrição do reinado das almas dos crentes falecidos com Cristo no céu" (CLOUSE, Robert G. *Milênio, Significado e Interpretação*, Editora Luz Para o Caminho, São Paulo, p. 8 e 9).

AValiação Bíblica das Correntes de Interpretação

Os pós-milenistas que, por suas crenças, dedicam-se mais à ação social do que à evangelização do que à evangelização, dificilmente encontrariam maneira de encaixar na Bíblia sua posição, porque Jesus não ensina que haverá progresso do bem no mundo, a ponto de prevalecer, mas, ao contrário disso, que: 1) A iniquidade se multiplicará e que o amor de muitos esfriará: "E, por se multiplicar a iniquidade, o amor de muitos esfriará" (Mateus 24:12); 2) Haverá calamidades; traições; falsos profetas e falsos cristos; tribulação como nunca houve, nem haverá; apostasia; aparecimento do homem da iniquidade, ou seja, o anticristo; e não o avanço para uma era de paz, segurança, justiça e prosperidade (Mateus 24, e 2 Tessalonicenses 2); 3) O próprio Senhor indaga se quando voltar porventura achará fé na terra? (Lucas 18:8); 4) Jesus ensina que o joio (mal) crescerá junto com o trigo (salvos) até o dia da ceifa (juízo), conforme parábola registrada em Mateus 13:24-30.

O pré-milenismo esbarra em dificuldades muito sérias, em relação aos ensinamentos do Novo Testamento, como segue: 1) O Apocalipse é, em todo ele, um livro de linguagem simbólica, como, por exemplo: "sete espíritos de Deus" não significa que Deus tenha sete espíritos, e sim que Ele é perfeitíssimo; e sete olhos do espírito não significa que o Espírito Santo tenha sete olhos,

controvertidos, que venham a confrontar outras doutrinas de aceitação universal, originadas de passagens de interpretação evidente, não controvertida. Em outras palavras, não se pode inferir o confuso e obscuro ao claro e evidente; não se pode substituir ou anular ou confundir o ensino sólido da Palavra de Deus, particularmente o ensino do Senhor Jesus, por sistema de doutrina que depende mais de argumentos humanos. Quando se encontra uma passagem que não se pode entender, a atitude correta, e sábia, é prosseguir em seu estudo, em oração, sem nos anteciparmos a conclusões.

CORRENTES DE INTERPRETAÇÃO DO MILÊNIO

A maneira de ver o milênio tem levado os cristãos, desde o princípio, a divergirem, formando diferentes correntes de interpretação, que divergem quanto a haver, na Bíblia, realmente, ensino a respeito da vinda de um milênio literal, isto é, período de mil anos com Cristo e os santos governando os povos da terra, e entre os que crêem nesse período, a respeito da época histórica quando acontecerá; e, entre todos, divergência em relação à natureza e características do milênio.

As correntes, ou escolas de interpretação do milênio, são, basicamente, três: pré-milenista, pós-milenista e amilenista; sendo que a primeira corrente se subdivide em duas outras, a saber, pré-milenismo histórico e pré-milenismo dispensacionalista.

1. Corrente pré-milenista - Crêem num milênio literal, crêem que, cumpridos os sinais prenunciadores, Jesus Cristo voltará ao mundo num período de crise, na culminância da apostasia, arrebatará sua igreja, haverá um curto período de grande tribulação, Jesus aprisionará Satanás e estabelecerá o reino por mil anos; ao fim desse tempo Satanás será solto novamente, tentará sublevar os povos mas Jesus o derrotará na batalha final, e então estabelecerá novos céus e nova terra para a morada dos remidos com Deus por toda a eternidade.

2. Corrente pós-milenista - Acreditam que o milênio será consequência do progresso da influência dos cristãos na sociedade mundial. Com o crescimento da influência dos servos de Deus, o bem triunfará um dia, embora não seja extinguido completamente o mal, e então Jesus virá para estabelecer a habitação definitiva dos salvos com Deus. Assim, os pós-milenistas crêem num milênio que acontecerá antes da vinda de Jesus, e que será esse período de paz, justiça e prosperidade que durará mil anos, antes que o Senhor venha, para destruir Satanás que, ao fim desse período, novamente conflagrará a terra.

3. Corrente amilenista - Os desta corrente não crêem num milênio literal. Em vista de ser o Apocalipse um livro simbólico, nada dele devendo ser interpretado literalmente, crêem que o milênio, período longo, completo e definido, já começou, com a instituição da igreja no mundo, pelo Senhor Jesus

que foi um culto de fé; e ele foi justificado. O de Caim foi o contrário dele; não foi culto de fé e por isso mesmo não pôde ser justificado, donde sua rejeição. Culto formal, que não proceda da fé, não agrada a Deus, porquanto "sem fé é impossível agradar a Deus" (Hebreus 11:6).

2. O culto do povo de Judá nos dias de Isaías (Isaías 1:11-18) - Várias expressões de rejeição da parte de Deus são usadas: "Estou farto dos holocaustos de carneiros (...) e não me agrado do sangue dos novilhos" (v.11); "Não continueis a trazer ofertas vãs; o incenso é para mim abominação (...) não posso suportar a iniquidade e o ajuntamento solene" (v.13); "E ainda que multipliqueis as vossas orações, não as ouvirei; porque as vossas mãos estão cheias de sangue" (v.15). Para que o culto fosse aceito, era preciso que se lavassem de seus pecados, que se purificassem, que tirassem a maldade de diante dos olhos de Deus; que parassem de fazer o mal e fizessem o bem e que buscassem a justiça (v.16,17). O culto do povo de Judá, nos dias de Isaías, era o culto cerimonial, de sacrifícios e orações, destituído, porém, de vida de santidade e justiça. Deus não aceita o culto prestado por pessoas que levam uma vida pecaminosa, de impureza, de maldades, de injustiça.

3. O culto dos escribas e fariseus nos dias do Senhor Jesus (Mateus 15:1-9) - Citando Isaías 29:13, o Senhor Jesus condenou a hipocrisia dos escribas e fariseus, porque eles honravam a Deus apenas de lábios, enquanto seus corações estavam

longe de Deus; e por isso invalidavam a palavra de Deus com a prática e o ensino de preceitos de homens: "Mas em vão me adoram, ensinando doutrinas que são preceitos de homens" (v.9). Deus não aceita o culto que lhe é prestado sem fidelidade à sua Palavra, o culto de hipocrisia, de palavras de louvor sem a retidão de vida em conformidade com os ensinamentos da Bíblia.

O CULTO QUE AGRADA A DEUS

Tomando o contrário dos exemplos citados, dos cultos que não agradam a Deus, facilmente identificaremos as qualidades do culto que lhe agrada: culto movido pela fé; culto que não dá valor a cerimonialismo mas antes é prestado em singeleza por pessoas santificadas e que procuram praticar a justiça em suas vidas; culto sem hipocrisia, sincero, não de palavras apenas, de lábios, porém de corações fiéis à Palavra de Deus; culto bíblico, oferecido por pessoas que procuram viver segundo os preceitos não dos homens mas de Deus.

Além dessas qualidades, que inferimos pelos contrários dos exemplos negativos mencionados, podemos citar duas passagens que ensinam as qualidades que deve ter o culto verdadeiro, que agrada a Deus.

1. João 4:19-24 - O Senhor Jesus ensinou à mulher samaritana que o verdadeiro culto, que agrada a Deus, não depende de lugar e sim de sua natureza. O Senhor mencionou três elementos que devem fazer parte do

verdadeiro culto, prestado por seus servos: 1) Culto com conhecimento, com consciência da Revelação. Os samaritanos, disse o Senhor, adoravam o que não sabiam. Era um culto sem consciência e conhecimento da Pessoa a quem devemos adorar. Quando adoramos a Deus, devemos ter consciência de quem ele é, para o adorarmos exatamente pelo que ele é, e não pelo que nos possa fazer; 2) Culto em espírito, não ritual, não idólatra, não de simbolismo, não cerimonial, não de obras, mas espiritual, que consiste na emanação da alma que experimentou a regeneração pela graça de Deus, ao encontro de Deus, para glorificá-lo. Isto, porque o culto tem que se harmonizar com a natureza da pessoa a quem se cultua. Deus é Espírito, e o seu culto precisa ser em espírito; 3) Culto em verdade, isto é, que não consiste em fábulas, em preceitos humanos, mas em conformidade com a sã doutrina, com a Palavra de Deus.

2. Romanos 12:1. O culto que agrada a Deus deve ser sem superstições e fanatismos; deve ser um culto racional, com entendimento das verdades do evangelho, com discernimento da vontade de Deus, com a determinação da vontade própria no sentido de pertencer a Deus e por isso mesmo oferecer-se em sacrifício que é o corpo santificado a Deus para a prática da virtude e não do pecado.

OCULTO E O DIADO SENHOR

Todos os grupos de cristãos cultuam a Deus, como igrejas, no

primeiro dia da semana. Há uma razão bíblica para isso. Os judeus guardavam o sábado; nós, cristãos, reunimo-nos para adorar a Deus no domingo. Mas, desde que o fazemos de sete em sete dias, segue-se que o domingo se tornou, para os cristãos, sétimo dia.

A razão de os crentes terem mudado do sábado literal dos judeus para o *sábado espiritual*, que é o domingo, é que: 1º) Cristo ressuscitou no primeiro dia da semana, e este dia ficou sendo conhecido como "o dia do Senhor" (João 20:1-10; Apocalipse 1:10); 2º) Jesus apareceu aos discípulos no primeiro dia da semana (João 20:19-26); 3º) O Pentecoste ou derramamento do espírito santo se deu no primeiro dia (a morte do Senhor ocorreu na sexta-feira da Páscoa, e o Pentecoste era uma festa comemorada no quinquagésimo dia após a Páscoa, portanto no primeiro dia da semana); 4º) Os primitivos crentes começaram a se reunir para cultuarem a Deus no primeiro dia da semana (Atos 2:7); 5º) Os crentes da Galácia e de Corinto deveriam fazer as coletas para os pobres da Judéia no primeiro dia da semana (1Coríntios 16:1,2).

A palavra sábado significa "descanso" e os judeus, nesse dia, cessavam suas atividades para cultuarem a Deus celebrando a criação. O descanso dos cristãos ficou sendo o primeiro dia da semana, pelos motivos bíblicos mencionados, e nele os servos do senhor se reúnem para cultuar ao Deus da Redenção em Cristo Jesus.

Estudo 11

Milênio, Punição do Mal e Arrebatamento

Textos básicos: *Apocalipse 20:1-15; 21:1-27; 22:1-5; Mateus 24 e 25; João 18:36; 2 Tessalonicenses 2:1-12.*

O assunto "milênio" pertence ao estudo teológico denominado "escatologia" e é dos mais controvertidos da interpretação do Novo Testamento. Há, sobre ele, três principais concorrentes de pensamento, chamadas: pré-milenismo, pós-milenismo e amilenismo. E os seguidores dessas correntes, assumem, às vezes, posturas que chegam às raízes do fanatismo e da intolerância em relação aos oponentes. Por isso, é preciso que, ao estudarmos este assunto não percamos de vista a compaixão, a reverência e a consciência de que, seja qual for o ponto de vista que alguém venha a dotar, ou já tenha adotado, não deve contribuir para desavenças, porque, em verdade, o que todos esperamos é a manifestação gloriosa do senhor Jesus e a implantação definitiva do estado final em que ficaremos por toda a eternidade, e sobre essa previsão e promessa não há divergências. Todos sabemos que Jesus voltará em glória e poder; que instalará o juízo final e lançará Satanás e seus anjos e todos os ímpios na eterna prisão universal chamada inferno; que todos os servos de Deus reaparecerão corporeamente, que Jesus criará novos céus e nova terra,

e que Deus habitará no meio de seu povo eternamente. Outra atitude mental que devemos ter, ao estudarmos o controvertido assunto, é a de que, seja qual for o ponto de vista adotado pelos servos de Deus, é necessário que todos nós nos apliquemos com ardor à pregação do evangelho da salvação, ao testemunho pessoal, ao esforço evangelístico por todos os métodos e à expansão missionária. Nunca devemos pregar "milênio", mas apontar aos pecadores o único caminho pelo qual poderão chegar à salvação: Jesus Cristo, e este crucificado.

O QUE É MILÊNIO?

A palavra milênio não está no Novo Testamento. Ela é criação da teologia, e provém de uma única e exclusiva passagem, que é Apocalipse 20:1-7, em que a expressão "mil anos" aparece nos versículos 4, 5, 6 e 7 como tempo de duração de um reinado de Cristo sobre a terra.

Este assunto, como já dissemos, é muito controvertido, e, por isso mesmo é conveniente estabelecermos desde logo um princípio de interpretação e criação de doutrina, que é o seguinte: não se pode estabelecer doutrina a partir de textos de difícil interpretação, por isso mesmo

está operando no mundo inteiro, com a abominação moral invadindo igrejas, com a multiplicação de seitas de demônios e o crescimento da iniquidade, com a descaracterização das igrejas de Cristo.

COMO SERÁ A VOLTA DE JESUS

Jesus voltará em poder e glória (Mat. 24.30). Virá nas nuvens, sentado num trono, cercado dos anjos e ao som de trombetas celestiais, assim como um soberano é anunciado pelos seus arautos (Mat 24.30,31; 25.31; Atos 1.11; Apoc 20.11; 1 Tess 4.16).

Jesus virá visivelmente. Não se trata de uma vinda virtual, através da sua crescente manifestação por meio do seu povo no mundo, como ensina a teologia modernista. A Bíblia diz, literalmente, que ele será visto por todos: "(...) E verão vir o Filho do homem sobre as nuvens do céu" (Mateus 24.30); "Eis que vem com as nuvens, e todo olho o verá, até mesmo aqueles que o traspasaram" (Apocalipse. 1.7).

Jesus voltará de surpresa, repentinamente, à semelhança de um raio (Mateus 24.27) e inesperadamente, à semelhança de como faz um ladrão (Mateus 24.42-44).

Jesus voltará com brado, à voz do arcanjo, ao som da trombeta de Deus, trazendo em sua companhia, em sua comitiva, todos os que já tiverem morrido e que são seus (1 Tess 3.16).

O QUE ACONTECERÁ COM A VOLTA DO SENHOR

Com a vinda de Jesus acontecerão coisas estranhas e assustadoras. Assim como o sol se escureceu no dia de sua morte na cruz, também na sua vinda a lua não brilhará e as estrelas cairão. Em meio às trevas, e ao cataclismo, fulgurará, repentinamente, a Estrela da Manhã, o sinal do Filho do homem que volta com poder e com grande glória (Mat 24.39-31). Os crentes que já tiverem partido ressuscitarão, isto é, virão com Jesus, em forma corpórea, e os servos de Deus que estiverem vivos serão transformados e subirão a encontrar-se com o Senhor nos ares (Mat 24.31; 1Cor 15.51,52; 1Tess 4.16,17). Num gesto fulminante, com o assopro de sua boca, Jesus matará o homem da iniquidade, encarnação de Satanás, que, na culminância da apostasia, esfriado o amor de muitos, se terá sentado num trono para dirigir a terra como se fosse Deus (2Tess 2.1-12). Será realizado o juízo final (Mat 25.31-46; Apoc 20.11-15). Satanás com seus anjos decaídos serão banidos do universo para o inferno, onde ficarão aprisionados eternamente (Apoc 20.7-10). Deus criará novos céus e nova terra para a habitação eterna de seus filhos com ele, onde seremos apascentados pelo Cordeiro (Apoc 21 e 22). A terra que agora existe, com grande explosão, será destruída, e tudo o que nela há se extinguirá pelo fogo (2Pedro 3.10-12).

Estudo 4

Igreja e Mordomia

Textos básicos: Lucas 12.35-48; 16.1-13; 1Cor 4.1,2; 6.19,20; Salmos 24.1; 104.1-28; Ageu 2.7,8; Mal 3.10; Gênesis 14.20; Mat 23.23

A igreja de Cristo precisa de recursos para sua manutenção. Como sustentar seus obreiros; construir e manter sua sede; comprar e manter equipamentos vários; pagar salários a zelador; pagar taxas de água, luz, esgoto, telefone e impostos; comprar sistematicamente materiais de estudo bíblico para suas organizações; fazer beneficência; contribuir para os fins denominacionais; fazer a obra de evangelização; cooperar com a obra missionária etc, se a igreja de Cristo não é uma empresa, se ela não cobra seus serviços religiosos? De onde vêm, então, os recursos com que mantêm seu vasto e diversificado ministério, senão das contribuições voluntárias de seus membros?

O termo "mordomia", como definiremos adiante, é uma palavra legítima, com um sentido muito claro para nós, batistas. Mas esse termo está desfigurado em nossos dias, por causa do sentido que tem na sociedade secular. Nesta, "mordomia" é. Por isso mesmo devemos usar o termo "mordomia" de modo a explicitarmos, sempre, tratar-se da mordomia bíblica, cujo sentido incorpora a idéia da consagração da vida e dos bens a Deus.

MORDOMIA BÍBLICA

A palavra "mordomia" é tradução de *oikonomía*, e mordomo é de *oikónomos*. Essas palavras aparecem em várias passagens do Novo Testamento, como exemplo:

1. Parábola do mordomo infiel (Lucas 16:1-13) - O personagem que aparece nessa parábola é mencionado como *oikónomos*, e a função que ele exercia como *oikonomía*. O sentido da história mostra que ele era uma espécie de tesoureiro de um rico senhor. Era ele quem anotava as dívidas e recebia os pagamentos. Nossa tradução o chama de "mordomo" e sua função de "mordomia". Hoje, tradução melhor seria "administração". Então, leríamos em Lucas 16:2: "Dá contas de tua administração".

2. Parábola do servo vigilante (Lucas 12:35-48) - O personagem dessa parábola é designado por servo, e como *oikónomos* (mordomo). O conteúdo da história mostra que ele era um administrador de servos, uma espécie de capataz, que supervisionava trabalhadores e lhes fornecia víveres.

3. Ministros e despenseiros (1Coríntios 4:1,2) - O apóstolo Paulo estava tratando com os coríntios a respeito do problema de parti-

darismo na igreja, havendo grupos favoráveis a ele, a Apolo e a Pedro. Então, declarou que todos esses obreiros deveriam ser reconhecidos como despenseiros dos ministérios de Deus. Ministro de Deus é despenseiro, aquele que toma conta de uma despensa e faz distribuição de seus bens. No caso, os bens não são materiais, porém espirituais. São os ministérios de Deus, ou seja, as realidades espirituais reveladas por Deus que os ministros deveriam administrar para edificação da igreja e para a multiplicação do número de discípulos. A palavra traduzida por despenseiro é, também *oikonómos*.

Por essas passagens ficamos sabendo que a palavra tem vários sentidos: de um tesoureiro que administra as contas de seu senhor; de um encarregado que supervisiona trabalhadores e distribui entre eles víveres; e de um despenseiro. A idéia básica dessa palavra, que traduzimos por "mordomo", é a de administrador. Nós, servos de Deus, somos, então, administradores dele, em seu reino, do que somos e do que temos.

A administração pode ser de dinheiro (bens materiais), de pessoas (valores humanos) e verdades da revelação (valores espirituais). Assim sendo, quando se fala em mordomia bíblica não se deve pensar apenas nos dízimos e ofertas alçadas, mas em todas as áreas da vida em que o crente precisa atuar, na qualidade de servo de Deus, como administrador que decide sobre o uso dos valores para si e para os outros, tudo a bem da causa de.

Deus. Nossa mordomia, ou responsabilidade de administração, envolve, pois, toda a nossa vida: nosso corpo, faculdades mentais, nossas habilidades e talentos, nossos atos, nosso tempo, nossa capacidade de influenciar, nossos salários e rendas, e o conhecimento que temos o evangelho. Essa administração deve ser tão fiel e tão abrangente, que Paulo exortou os crentes a oferecerem seus corpos em sacrifício vivo a Deus (Romanos 12:14). Não basta, portanto, que o crente seja um fiel dízimista, em sua igreja, ou que contribua liberalmente com ofertas, além do dízimo, para fins designados, para ser considerado em fiel mordomo. Se negligenciamos a nos omitimos nas outras áreas, ainda não somos fiéis mordomos.

OS PRINCÍPIOS BÍBLICOS DA MORDOMIA

Ler Salmos 24:1; Salmos 104 (particularmente os versículos 13,14,27,28); Ageu 2:7-9; 1Cor 6:19,20.

São dois os princípios bíblicos a partir dos quais se desenvolve a doutrina da mordomia, a saber:

1. Deus é dono e senhor de tudo. Nada é, realmente, nosso; os bens materiais foram criados por Deus e dados ao homem para seu sustento e felicidade. Nós temos, então, o usufruto. No salmo 24:1, o salmista diz: "Do Senhor é a terra e a sua plenitude; o mundo e aqueles que nele habitam". O salmo 104 relaciona todas as coisas da natureza e diz que tudo foi criado por Deus, e tudo

achar assim fazendo" (Mateus 24.46).

OS SINAIS PRENUNCIADORES DA VOLTADA DE JESUS - Mat 24.4-39

Essa passagem faz parte do "sermão profético", proferido pelo Senhor Jesus no terceiro dia da última semana de seu ministério. Quando iam saindo do templo, seus discípulos lhe chamaram a atenção para a grandiosidade de sua construção. O Senhor lhes disse que viria tempo quando daquela construção não ficaria pedra sobre pedra; então, chegando ao monte das Oliveiras, seus discípulos o inquiriram sobre esse acontecimento, e quando seria o fim. Foi então que Jesus proferiu o sermão escatológico, em que fala de sinais que precederão a sua vinda. Notemos o seguinte: 1) Aparecimento de falsos cristos (24.5); 2) Guerras e rumores de guerras (24.6); 3) Fomes (24.7); 4) Pestes (24.7); 5) Terremotos (24.7); 6) Falsos profetas, enganando a muitos (24.11); 7) Multiplicação da iniquidade e conseqüente esfriamento do amor (24.12); 8) O evangelho será pregado a todas as gentes (24.14); 9) Haverá grandes aflições, como nunca houve, nem jamais haverá igual (24.14); 10) Falsos profetas farão sinais e prodígios, de tal natureza que, se fosse possível, enganariam até os escolhidos de Deus (24.24); 11) Sinais no sol, na lua e nas estrelas; as potências do céu serão abaladas (24.29). Então será visto o Filho do homem, vindo sobre as nuvens.

Quem acompanha as notícias do mundo sabe que esses sinais estão se cumprindo rapidamente, o que nos dá a entender que se aproxima cada vez mais o grande dia da manifestação do Senhor Jesus em glória (Mat. 24.33).

O apóstolo Paulo refere-se a um sinal derradeiro, sem o qual não virá o Senhor Jesus. Alguns andavam desviando os tessalonicenses do que haviam aprendido do apóstolo, sendo levados a crer que Jesus iria voltar imediatamente. Por isso, Paulo lhes disse: "Quanto à vinda do nosso Senhor Jesus Cristo e à nossa reunião com ele, rogamo-vos, irmãos, que não vos movais facilmente do vosso modo de pensar, nem vos perturbeis, quer por espírito, quer por palavra, quer por epístola como enviada de nós, como se o dia do Senhor estivesse já perto. Ninguém de modo algum vos engane; porque isto não sucederá sem que venha primeiro a apostasia e seja revelado o homem do pecado, o filho da perdição" (2Tess 2.1-3). O Espírito Santo, que detém Satanás, que o impede, será tirado porque cessará seu ministério em relação ao mundo, e então esse iníquo, que se manifestará segundo a eficácia de Satanás, aparecerá, se manifestará com muito poder, realizando sinais e prodígios de mentira, e se assentará no santuário, querendo ser Deus, para se levantar e combater Deus e tudo o que se refere à adoração. Será quando o mundo estiver sob o caos, a tirania da encarnação de Satanás, que o Senhor Jesus voltará, e o destruirá com o assopro da sua boca (2Tess 2.4-12). E essa apostasia já

A EXPRESSÃO “VOLTA DO SENHOR”

“Segunda vinda” e “volta de Jesus” são expressões usadas como tradução da palavra grega *parousia*, que aparece em muitas passagens do Novo Testamento, significando basicamente “*presença*”, como em 1Cor 16.17, mas, quando usado em relação ao evento da aparição de Jesus para dar consumação à história, ele tem o sentido de “visita majestosa de um rei”. A idéia que a palavra traz, é a de aparato, a majestade e a honra que cercavam os preparativos e a consecução da visita de um rei. E é assim que virá o Senhor Jesus, ao clangor de trombetas, com alarido, com glória e majestade.

A PROMESSA DE JESUS DE QUE VOLTARÁ

Toda a doutrina da volta de Jesus tem que se edificar sobre a promessa dele e o ensino dos apóstolos. Quanto a estes, foram instrumentos do Espírito de Deus para completarem a Revelação. Portanto, o que escreveram não pode divergir do que Jesus ensinou, devendo ser interpretado à luz dos ensinamentos dele.

A promessa de Jesus está contida em Mateus 24 e 25, Marcos 13 e Lucas 17.20-37, corroborada pelo anúncio dos anjos quando Jesus, após a ressurreição, subiu para o céu (Atos 1.10,11). Essa promessa de volta foi absorvida pelos apóstolos, que em seus escritos trataram várias vezes do assunto, orientando os primitivos discípulos.

QUANDO SERÁ A VOLTA

Ninguém pode saber. O próprio Senhor Jesus declarou, como já vimos, que somente o Pai sabe o dia e a hora quando ele virá. Tem havido pessoas, entretanto, desde os tempos dos apóstolos, que fazem afirmações sobre o tempo da volta de Jesus, como é o caso, por exemplo, de William Miller, que deu origem à heresia dos adventistas. Ele fez vários cálculos, frutos de sua arrogância ou desconhecimento da Palavra de Deus. Afirmou que Jesus viria em 10 de dezembro de 1843, depois outubro de 1844, 1850 etc, nunca desistindo diante das frustrações e desmoralizações. Qualquer pessoa que afirme que Jesus vem agora, dentro de alguns anos, ou seja lá que afirmação for, está destinada ao completo fracasso, porque Deus não desonrará sua Palavra, e a de seu Filho Jesus, deixando que esses adivinhadores, desobedientes à sua revelação, sequer aproximem da realidade seus prognósticos. Podemos, é verdade, vendo o cumprimento de sinais que foram anunciados por Jesus como prenunciadores de sua vinda, compreender, e nos alegrarmos com esta convicção, que o dia está se aproximando; mas não deve ser nossa preocupação discernir os tempos e as estações e fazer prognósticos. O que o Senhor quer é que, quando vier, nos encontre servindo-o com fidelidade: “A vós não vos compete saber os tempos ou as épocas, que o Pai reservou à sua própria autoridade” (Atos 1.7); “Bem-aventurado aquele servo a quem o seu senhor, quando vier,

depende dele, e a distribuição da alimentação também vem dele: “Da tua alta morada regas os montes; a terra se farta do fruto das tuas obras. Fazes crescer a erva para os animais e a verdura para uso do homem, de sorte que da terra tire o alimento” (v. 13,14); “Todos esperam de ti que lhes dês o sustento a seu tempo. Tu lhes dás, e eles o recolhem; abres a tua mão e eles se fartam de bens” (v. 27,28). As riquezas minerais, como ouro, prata e tudo o mais são de Deus: “Minha é a prata, e meu é o ouro, diz o Senhor dos exércitos” (Ageu 2:7).

2. O crente não pertence a si mesmo. Foi resgatado pelo sangue de Cristo, tornou-se servo, e seu corpo tornou-se habitação do Espírito Santo: “Ou não sabeis que o vosso corpo é santuário do Espírito Santo, que habita em vós, o qual possuíis da parte de Deus, e que não sois de vós mesmos? Porque fostes comprados por preço; glorificai pois a Deus no vosso corpo” (1Coríntios 6:19,20).

Visto que Deus a tudo criou, e a tudo sustenta, e que ele mesmo é quem dispõe os bens do mundo para o sustento do homem; e visto que a pessoa que se converte, que é regenerada, que se torna discípulo de Jesus, filho de Deus, membro de seu corpo, não pertence a si mesma porque foi comprada por preço, isto é, pelo sangue de Cristo, segue-se que somos os administradores, e não donos, de nosso próprio corpo, de nosso tempo, de nossas oportunidades, de nossos talentos e também de todos os bens

materiais que Deus nos concede. E, como administradores, precisamos viver diligentemente, com sobriedade, santidade e consagração, oferecendo à igreja de Cristo a que pertencemos os recursos para seu sustento e realização da obra de Deus, na qual todos nós estamos engajados. Nisso consiste a doutrina da mordomia, entendendo-se por mordomia “administração”.

CONDIÇÕES NECESSÁRIAS PARA A FIEL PRÁTICA DA MORDOMIA

Existem, pelo menos, três condições necessárias para que os crentes pratiquem fielmente a mordomia da vida e dos bens:

1. Conhecimento da doutrina, da verdade bíblica, da vontade de Deus. Ninguém vai se dispor a ser um fiel administrador de seu dinheiro, dando com alegria a décima parte de seus salários para o sustento da causa de Deus, e ainda ofertas especiais, se não tiver o conhecimento, a doutrina, a consciência das verdades que expusemos neste estudo. Dessa condição decorre a necessidade de os pastores das igrejas, os seminários, líderes de grupos e organizações e os pais ensinarem com dedicação essa doutrina. Não havendo compreensão, não haverá prática.

2. Libertação do senhorio de mamom. Faz parte do sermão do monte esta advertência do Senhor Jesus (Mateus 6:24). Na maioria das versões é usada a palavra “mamom” que algumas registram com maiúscula, significando tratar-se de uma

personificação das riquezas, como sendo um deus do paganismo. A ganância por riquezas, o fascínio do poder pela posse de riquezas exerce uma dominação tal sobre as pessoas, que produzem um estado de verdadeira escravidão às riquezas, e os que amam as riquezas fazem delas seu deus e seu senhor. É desse espírito, ou dessa atitude, que os crentes têm de se libertar, para poderem ser fiéis administradores para Deus. O Senhor Jesus colocou as riquezas em antagonismo com Deus; a ânsia por possuí-las impede a verdadeira adoração. Quem ama as riquezas não se submete a Deus. Essa verdade não se aplica somente aos ricos. Aplica-se a todas as pessoas, mesmo as pobres. Jesus disse: “Ninguém”. Também os pobres podem apegar-se a coisas materiais de tal maneira que se tornam escravos dos bens materiais.

3. Decidir-se pela fidelidade. Fazer opção. Assumir compromisso, e passar a cumprir seu dever alegremente, de dedicar a Deus o que é, e o que tem.

O DÍZIMO: UM ASPECTO DA FIEL MORDOMIA - *Mal. 3.10; Gên 14.20; Mat 23.23*

O costume do dízimo já era conhecido nos dias de Abraão, e ele, ao encontrar-se com uma pessoa de credibilidade como sacerdote do Deus Altíssimo, deu o dízimo de tudo.

Deus ordenou, através do profeta Malaquias, que o dízimo fosse levado à casa do tesouro, para que

não houvesse falta de mantimentos. O culto dependia da fidelidade dos servos de Deus. A sonegação dele dismantelaria a vida religiosa do seu povo. O sustento de sacerdotes e dos que ministravam em vários serviços, e a manutenção material dos cultos, tudo dependia da fidelidade na entrega dos dízimos.

Nos dias de Jesus o dízimo estava enraizado na mente do povo de Deus. Quando o Senhor repreendeu os escribas e fariseus porque eram minuciosos na prática do dízimo, a ponto de separarem a décima parte das pequenas hortaliças, não estava querendo que parassem de ser fiéis na prática do dízimo, mas que juntassem a essa prática a justiça, bem como a misericórdia e a fé de que haviam se afastado. Ele disse que deveriam praticar estas coisas todavia sem omitir aquelas, que se referem às práticas relacionadas com o dízimo.

CONCLUINDO

Tudo na vida cristã é feito na base da voluntariedade do crente. A prática do dízimo também. Ninguém deve contribuir por constrangimento, mas de coração, com alegria e gratidão a Deus, porque Ele “ama ao que dá com alegria” (1 Cor 9.7).

Se verdadeiramente tivermos dedicado ao Senhor a nossa vida, nosso tempo, nossos talentos e a nossa mente, a fidelidade na entrega dos dízimos e ofertas, será apenas uma consequência. A rebeldia em relação ao dízimo revela fragilidade em toda a vida cristã.

Estudo 10

A VOLTA DO SENHOR JESUS

Textos básicos: *Mat 24.1-44; 25.31-46; Atos 1.6-11; 1Cor. 15; Fil 3.20,21; 1Tess 4.13-18; 2Tess 2.1-17; 1Pedro 3.1-14*

Todo o povo de Deus, em todos os lugares, e em todas as épocas, até hoje, tem vivido estimulado pela esperança da volta do Senhor Jesus, e podemos observar que essa é, realmente, a grande e bem-aventurada esperança daquele que um dia teve um encontro regenerador com o Senhor Jesus.

É essa esperança que tem fortalecida a paciência dos crentes, em todos os tempos, sob as mais adversas circunstâncias, porque, como diz o apóstolo Paulo, “... As aflições deste tempo presente não se podem comparar com a glória que em nós há de ser revelada (Rom 8.18).

Apesar de o povo de Deus ser unânime na esperança da volta de Cristo Jesus, não o é em relação à interpretação desse assunto desde o tempo apostólico, como é o caso dos tessalonicenses, que, não entendendo como se daria a volta de Jesus, se entristeciam em relação aos irmãos que já haviam morrido, pensando que eles não veriam a glória dessa volta (1Tess 4.13-18).

Nessa divergência de pensamentos, existem desde aqueles que não crêem na volta visível de Jesus, até os que chegaram a calcular dia, mês e ano de sua vida, esquecidos de

que daquela hora ninguém, nem mesmo os anjos, sabem, mas somente o Pai (Mat 24.36).

Entre os crentes tessalonicenses, mesmo depois de o apóstolo Paulo lhes ter escrito a primeira carta, o assunto continuou a inquietar e a causar desvios de comportamento. Alguns mestres se entremeteram na igreja e começaram a ensinar o retorno imediato de Jesus, de sorte que muitos venderam suas propriedades e pararam de trabalhar, passando a viver como perturbadores da boa ordem daquela comunidade cristã. Então Paulo, escrevendo a segunda carta, ensinou-lhes que Jesus só voltaria depois que se estabelecesse a apostasia e se manifestasse o homem da iniquidade, ordenando que os que não queriam mais trabalhar também não comessem (2Tess 2.3-12; 3.10-12).

Citamos estes fatos para realçar o valor que representa para as igrejas do Senhor terem um conhecimento correto a respeito do que a Palavra de Deus nos ensina sobre a volta de Jesus, seguindo ainda hoje a recomendação de Paulo: “Ora, quanto à vinda de nosso Senhor Jesus Cristo (...), rogamo-vos, irmãos, que não vos movais facilmente do vosso modo de pensar, nem vos perturbeis (...)” (2Tess 2.1,2).

traduzido seus escritos e formado o Livro de Mórmon. Essas placas de ouro, nunca ninguém as viu. Mas, a despeito de todas essas manifestações de mistificação e até de distúrbios mentais, ele encontrou adeptos com os quais fundou sua seita. As crenças que os caracterizam como uma heresia são as seguintes: 1) não crêem na Bíblia como a Palavra de Deus; substituíram-na pelo Livro de Mórmon. 2) o deus dos mórmons não é o deus da Bíblia. Para eles, Deus já foi um homem, que evoluiu, e um dia foi entronizado no céu. 3) Jesus não é o Filho de Deus, mas é um homem como nós. 4) O homem não é pecador por natureza, e os pecados podem ser anulados pelo batismo (inclusive batizam vivos com a intenção de salvarem pessoas que já morreram). 5) O Espírito Santo nada mais é que um fluido que penetra em todas as coisas, inclusive no homem. O Espírito mesmo, não pode habitar no homem, nem estar em todos os lugares; o que temos é apenas a influência fluídica desse Espírito. 6) O homem é um deus em potencial, que poderá vir a se tornar como o próprio Deus. 7) Quanto à queda do homem, crêem que Eva era mortal e Adão era imortal, por isso Adão deliberadamente desobedeceu e comeu o fruto, para tornar-se mortal e, assim, poder gerar filhos, para poderem obedecer à ordem de crescerem e se multiplicarem. 7) Os mórmons incentivam a poligamia, ensinando que as mulheres são salvas pelo homem através do casamento. Em virtude de leis, aboliram

a prática da poligamia, porém continuam a celebrar o que chamam de "casamento celestial" mesmo que o homem já esteja, realmente, casado, porque na vida vindoura a poligamia será restaurada.

NOSSA POSIÇÃO

É preciso que igrejas, pastores e instituições denominacionais se esforcem para ministrarem um ensino cada vez mais bíblico, fiel e intenso, para que as igrejas, conhecedoras das sãs doutrinas, estejam em condições de discernir os espíritos, e identificar as heresias, as falsas doutrinas inventadas por homens doentios, blasfemos, carnaís, a serviço da apostasia, portanto de Satanás. Quando uma pessoa é, realmente, regenerada por Jesus, aprende a amar a Bíblia e a crer nela como a Palavra de Deus, e a sabe interpretar, de maneira alguma será presa para os catequizadores das várias seitas heréticas, que procuram dar a aparência de evangélicas. Uma igreja bem edificada na sã doutrina não será abalada pelos ventos de doutrina. Além desse eficiente doutrinamento, vale a pena fazer estudos principalmente sobre as heresias que estão penetrando no nosso meio evangélico, com aparência de santificação, de evangelho de poder, com torções de textos bíblicos, com práticas que nunca foram ensinadas pelo Senhor Jesus Cristo e por seus apóstolos. Os crentes em Cristo devem ser estimulados a viverem a verdadeira fé cristã.

Estudo 5

O CRENTE E A SANTIFICAÇÃO

Textos básicos: Lev. 19:1,2; I Pedro 1:13-16; Romanos 12:1,2; Heb. 12:4-14

A grandeza e relevância da doutrina da santificação consistem no fato de que ela abarca tanto o início, quanto toda a continuação da vida cristã.

O não conhecimento adequado dessa doutrina resulta em tomada de posição afastada da Revelação, da Verdade, produzindo efeitos prejudiciais à vida cristã e às igrejas, como, por exemplo, a corrente de interpretação conhecida como da "impecabilidade do crente" ou corrente "perfeccionista", segundo a qual o crente em Jesus, após a regeneração, não peca mais, segundo uns, ou segundo outros, não peca mais após receber o que entendem como uma segunda bênção, ou revestimento do Espírito Santo. O não conhecimento do que significa santificação, nas Escrituras e na experiência cristã, abre as portas para a adoção de crenças e, conseqüentemente, de normas de comportamento contrárias à Palavra de Deus, como no exemplo citado. Outro exemplo é o da corrente "antinomiana", ou seja, a das pessoas que no tempo apostólico, argumentavam que era melhor continuarem vivendo no pecado, sem a preocupação de santificação, porque, vivendo assim, fariam com

que superabundasse a graça de Deus para elas.

O conhecimento da doutrina da santificação capacitará os crentes a adotarem uma atitude positiva e dinâmica na vida, no sentido de esforço consciente e deliberado, afim de se apropriarem dos instrumentos da Palavra de Deus para crescerem na maturidade cristã, pra se santificarem continuamente, sem os nervosismos e a arrogância dos fanáticos e sem o relaxamento moral dos indiferentes.

O QUE É SANTIFICAÇÃO

Conforme a Declaração Doutrinária aceita pela Convenção Batista Brasileira, "santificação é o processo que, principiando na regeneração, leva o homem à realização dos propósitos de Deus para a sua vida e o habilita a progredir em busca da perfeição moral e espiritual de Jesus Cristo, mediante a presença e o poder do espírito Santo que nele habita. Ela ocorre na medida da dedicação do crente e se manifesta através de um caráter marcado pela presença e pelo fruto do espírito, bem como por uma vida de testemunho fiel e serviço consagrado a Deus e ao próximo"

E. Y. Mullins define santificação da seguinte maneira: "Santificação significa o estado de alguém que é separado para o serviço de Deus, que pertence a Deus. Também significa a transformação interior de alguém que está separado, para a realização de um caráter santo" (*La Religión Cristiana en su Expresión*, Casa Bautista de Publicaciones, El Paso, Texas, USA, p. 425).

Para termos uma compreensão mais exata do que seja santificação é necessário compreendermos o sentido da palavra "santo", usada no Antigo Testamento. É a palavra *Kadôsh*, cujo sentido literal é "separado". Daí *Kadesh*, que significa "santidade"(separação). Estas palavras são usadas primitivamente, na linguagem bíblica, para designar a separação das coisas e pessoas relacionadas ao culto, para uso exclusivo. Santificar algo ou uma pessoa era, cerimonialmente, separar essa coisa ou pessoa para o culto a Deus (*The International Standard Bible Encyclopaedia*, vol. III, p. 1.043). Esse sentido de separação cerimonial e moral é o mesmo que se encontra no Novo Testamento, sendo usada a palavra grega *háguios*. Santo é quem foi separado para Deus. por isso, no Novo Testamento, os que se arrependeram e creram em Cristo como o Filho de Deus, tornando-se discípulos, filhos e membros do povo de Deus, são designados "santos". Paulo, escrevendo aos romanos, dirigiu-se aos crentes denominando-os "chamados para serdes santos" (Romanos 1: 7). De igual modo, em relação aos fili-

penses (Filipenses 4:21). E nessa mesma passagem, volta a referir-se aos romanos como santos: "Todos os santos vos saúdam, especialmente os que são da casa de César"(v.22). O crente é santo porque foi separado da impiedade, do pecado, para pertencer a Deus e aos seu Filho Jesus. E sua santificação é o processo de vida que começa com o ato de separação de sua conversão e regeneração e continua durante toda a sua vida, à medida que ele vai se transformando pela renovação constante de sua mente, (Romanos 12:2).

ABASE PARA A SANTIFICAÇÃO

A base para a necessidade de o crente se santificar em sua maneira de viver está no fato de que Deus, que o chamou, é Santo: "Disse mais o Senhor a Moisés: Fala a toda a congregação dos filhos de Israel, e dize-lhes: Sereis santos, porque eu, o Senhor vosso Deus, sou santo"(Levítico 13:12). O povo escolhido não deveria se misturar com os ídolos e cultos dos povos, nem seguir a devassidão moral destes. Deus é santo e seu povo precisa ser também.

O apóstolo Pedro usa essa passagem para exortar os crentes no Senhor Jesus a viverem em santidade, deixando claro que a santidade consiste na não conformação com as concupiscências do homem velho e que a qualidade de santo se expressa praticamente na maneira de viver, ou seja, no procedimento: Portanto, cingido os lombos do vosso entendimento, sede sóbrios, e

citou; não tem o poder de redimir o pecador; Jesus é um ser divino, porém subalterno, criado por Deus. 3) Não existe Espírito Santo; trata-se apenas da influência da atuação de Jeová nas pessoas. 4) Alma não existe; é o sangue; o homem é alma mortal como todo ser animal, e, uma vez morto, desaparece a alma; somente a ressurreição fará retornar o homem, alma vivente. 5) Céu e inferno não existem. Inferno é *sheol*, sepultura; ninguém vai para um lugar chamado céu; a morte aniquila a "alma", e a salvação será a ressurreição dos que fizerem parte dos 144 mil que a mereceram por pertencerem à seita, e viverão aqui mesmo, na terra reformada, vida material como agora, aperfeiçoada. 6) Pregam a desobediência às autoridades constituídas, são contra o registro de filhos, contra o serviço militar, a bandeira, eleição etc.

2. Adventistas do Sétimo Dia - Surgiram, também, nos Estados Unidos, liderados por William Miller, inicialmente batista. Impressionado com profecias, e preocupado com a volta do Senhor, meteu-se a fazer cálculos, e, esquecido de que o Senhor Jesus ensinou que ninguém pode saber de sua volta, mas somente o Pai (Mat 24.36), marcou a data para a volta do Senhor para 10 de dezembro de 1843. Como nada aconteceu, refez os cálculos, e marcou para outubro de 1844, e prosseguiu recalculando e remarcando, a cada frustração e desmoralização: 1847, 1850, 1852 etc. Tão obstinado se tornara, que começou a dar aulas sobre o método de fixar datas.

Os adventistas dão ênfase à saúde e à santidade do lar e dos costumes pessoais, são batizados por imersão e creem em Jesus como o Filho de Deus e como Salvador, porém interpõem a Lei, cujo cumprimento é necessário para que possa haver salvação. Suas doutrinas heréticas são: 1) Não acreditam na existência de inferno. Os ímpios serão destruídos por Deus e a eternidade é apenas para os salvos. 2) Não creem na ida dos crentes para o céu quando morrem. Para eles, a alma fica dormindo na sepultura até o dia da ressurreição, quando irão para o céu durante o milênio e voltarão para habitar na terra que será purificada. 3) Dividem a Lei em moral e cerimonial e ensinam que a abolição da Lei foi apenas a cerimonial, estando todos obrigados à obediência aos dez mandamentos como condição de salvação, invalidando, assim, a obra redentora de Cristo. 4) Desprezam o dia do Senhor, o da ressurreição de Cristo, adotando fanaticamente, em lugar dele, a guarda do Sábado literal, inclusive como condição de salvação.

3. Os Mórmons - A designação oficial dessa seita herética é "Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias". Foi fundada nos Estados Unidos em 1830, liderado por Joseph Smith, o qual, criado na ignorância e superstição, dizia ter visões e revelações divinas. Em 1823, segundo ele, um anjo de nome Moroni apareceu a ele, e lhe revelou que em determinado lugar havia umas pranchas de ouro em que estava registrada a natiga história da América. Diz tê-las encontrado,

e crenças normais, prevalecentes quer em religião, quer em filosofia, e assumiu (elegeu, escolheu, optou por) uma opinião ou uma crença diferente e contrária. Quando se trata apenas de uma idéia ou corpo de doutrinas contrárias à convicção prevalecente, tem-se a heresia; quando, porém, como resultado da divergência, forma-se um grupo organizado, tem-se uma seita. Heresia é idéia; seita, o grupo que a materializa. Em Atos 5.17 temos um exemplo de *háiresis* traduzido por seita, ou seja, “um corpo de partidários de suas próprias doutrinas” que são os saduceus. Obviamente, quem tem a opinião ou crença divergente não a considera heresia; o julgamento e a classificação de uma doutrina, ou opinião, como heresia, sempre parte do ponto de vista prevalecente. Destarte, o cristianismo foi considerado pelos judeus uma heresia, e o protestantismo o foi pelo catolicismo.

Dentro do cristianismo primitivo havia, por exemplo, a heresia dos judaizantes, que consistia na pregação e ensino de que todo e qualquer gentio que aceitava o caminho teria que ser circuncidado e submeter-se à lei de Moisés, tornando-se, portanto, um prosélito. Uma das grandes lutas do apóstolo Paulo foi a de estabelecer que a salvação é pela graça mediante a fé, anulando as arremetidas dos judaizantes (Atos 15.1-34); outro exemplo é a heresia dos gnósticos, que negavam a existência real, física, de Jesus. Hoje, podemos mencionar inúmeras heresias,

como, por exemplo, Testemunhas de Jeová, Mórmons, Adventistas do Sétimo Dia, Ciência Cristã, Igreja Universal do Reino de Deus etc.

As heresias dentro do cristianismo evangélico, e as religiões filosóficas e míticas, de deuses falsos, de incorporação de espíritos, de adivinhações, de consulta a mortos, cartas, tarôs e astros, de astral e fluidos, de iluminados e paranormais fazem parte do movimento de Satanás pela conquista do mundo. E, à medida que cresce a apostasia profetizada no Novo Testamento, esses movimentos tendem a multiplicar-se, porque são os instrumentos de Satanás em sua guerra contra Deus e seu reino.

EXEMPLOS DE HERESIA

1. Testemunhas de Jeová - Também chamados “russelitas” e “estudantes da Bíblia”. Surgiram nos Estados Unidos, em 1884, liderados por Charles Taze Russell, um dissidente, que pertenceu às igrejas presbiteriana, congregacional e adventista, donde saiu para fundar sua seita.

Pressionados pelos seus superiores, chamados “instrutores”, a trabalharem para alcançar a salvação, visitam as casas de dois a dois, testemunhando de Jeová, e vendendo revistas e livros com suas doutrinas. Consideram todas as religiões como obra de Satanás, e são empedernidos e arrogantes. Entre suas doutrinas heréticas, podemos mencionar: 1) Não aceitam a Trindade. 2) O Senhor Jesus Cristo não é o Filho de Deus; não ressus-

esperai inteiramente na graça que se vos oferece na revelação de Jesus Cristo. Como filhos obedientes, não vos conformeis às concupiscências que antes tínheis na vossa ignorância; mas, como é santo aquele que vos chamou, sede vós também santos em todo o vosso procedimento; porquanto está escrito: "Sereis santos porque eu sou santo" (1 Pedro 1:13-16).

Em que sentido Deus é santo? Deus não tem mistura de mal em sua natureza; ele é perfeito em todos os aspectos. Ele é perfeito em amor; perfeito em justiça; perfeito em misericórdia; perfeito em verdade ele não pode mentir (Tito 1:2) ele é perfeito em toda a sua natureza, em todos os seus atributos, em toda a sua revelação, em todos os seus atos. A total perfeição de Deus é a sua santidade. Visto que fomos chamados por Deus para formarmos o seu povo, fomos adotados como seus filhos pelo ministério de sumo sacerdote e perfeito sacrifício do Senhor Jesus Cristo, nós temos que alcançar o Padrão que é Jesus, a expressão objetiva, a revelação pessoal e histórica de Deus, que é santo. É por isso que não pode haver vida cristã sem santificação, diz: "segui a paz com todos, e a santificação, sem a qual ninguém verá o Senhor" (Hebreus 12:14). Essa exortação não significa que só verá a Deus quem tiver alcançado, aqui neste mundo, a perfeição de Deus, mas todos aqueles que estiverem desenvolvendo o processo de santificação, porque são filhos de Deus, porque realmente nasceram de novo, e como filhos

estão crescendo. Quem não é regenerado, quem não tem a nova natureza em Cristo, não pode entrar no processo de santificação, e por isso mesmo não verá a Deus.

DISTORÇÕES NA DOCTRINA DA SANTIFICAÇÃO

Há três distorções relativas à santificação, duas das quais referidas na introdução:

1. Distorções antinomianas Nos dias de Paulo raciocinavam assim: Se onde há o pecado aí há superabundância da graça de Deus, então o melhor é viver naturalmente no pecado, sem nenhuma luta para vencê-lo, para usufruir essa abundância de Deus. Paulo destruiu esse absurdo com o argumento de que o efeito primário da graça de Deus é exatamente o de destruir o pecado. Não pode haver combinação e convivência de pecado e graça. Essa corrente a que Paulo combateu recebeu a designação de "antinomiana", que significa adepto da antinomia, isto é, contradição de lei e de princípio. O nome foi aplicado novamente aos protestantes, no século XVI, mas porque contraditaram o ensino católico de necessidade das obras para a salvação.

2. Distorção da impecabilidade ou perfeccionismo dos crentes. Essa corrente de interpretação crê que todo filho de Deus é perfeito desde que foi regenerado, e por isso nunca mais peca. A Bíblia e a experiência cristã ensinam o contrário. O apóstolo João disse: "Se dissermos que não temos pecado nenhum, enganamo-nos a nós mesmos, e a

verdade não está em nós. Se confessarmos os nossos pecados, ele é fiel e justo para nos perdoar os pecados e nos purificar de toda injustiça" (I João 1:9-10).

3. Distorção da santificação repentina como um ato. É a distorção encontrada geralmente entre os pentecostais de todos os grupos. A crença é de que o salvo precisa receber uma segunda bênção, após sua conversão, que chamam de "batismo do Espírito Santo" e que, a partir dessa experiência, o crente é imediatamente santificado. Temos visto que toda a Palavra de Deus ensina que a santificação começa na regeneração e processa pela vida toda.

INSTRUMENTOS DA SANTIFICAÇÃO

1. O agente O agente da santificação é o próprio Deus em sua manifestação e operação triúna. O Senhor Jesus, na oração intercessória pelos discípulos, rogou ao Pai: "santifica-os na verdade; a tua palavra é a verdade" (João 17:17). Ele sabia, portanto, que Deus, o Pai, tem o poder e a operação de santificar. Jesus se santificou a si mesmo para possibilitar que o Pai santificasse os discípulos na verdade (João 17:19). O sentido de Jesus santificar-se é o de se consagrar definitivamente, com decisão voluntária irremovível de se oferecer como sacrifício. A santificação de Jesus tem o sentido de sua separação e consagração como o sacrifício perfeito de si mesmo.

Assim, a morte de Jesus na cruz possibilitou a regeneração, a libertação, a adoração, a santificação das pessoas para Deus. Jesus é, destarte, também, agente da santificação. Lemos em Hebreus: "é nessa vontade dele que temos sido santificados pela oferta do corpo de Jesus Cristo, feita uma vez para sempre" (Hebreus 10:10). É o Espírito Santo, guiando o crente em toda a verdade (João 16:13), consolando e intercedendo pelos crentes, "Do mesmo modo também o Espírito Santo nos ajuda na fraqueza; porque não sabemos o que havemos de pedir como convém, mas o Espírito mesmo intercede por nós com gemidos inexprimíveis" (Romanos 8:26). Paulo aconselhou aos gálatas: "Andai pelo Espírito e não haveis de cumprir a cobiça da carne" (Gálatas 5:16).

2. Os instrumentos da santificação Em primeiro lugar, a **Palavra**. O Senhor orou ao Pai pedindo que santificasse os discípulos pela verdade, e disse: "A tua palavra é a verdade" (João 17:17). A verdade é aprendida por todos os meios na igreja: na pregação, no ensino da EBD, nas orações, na comunhão com os irmãos, nas experiências de provação e tentação. A medida que o crente aprende a Palavra e a aplica à sua vida, como parâmetro para suas decisões, atitudes e cometimentos, ele vai se santificando. Outros instrumentos para a santificação: a oração sem cessar; a vigilância, mantendo a mente purificada de más influências e sempre pronta a descobrir de que maneira poderá vir a tentação.

Estudo 9

O CRENTE FACE AOS GRUPOS HERÉTICOS

Textos básicos: Marcos 7.8-13; Tito 2.1-7; 3.10,11; 2 Pedro 2.1-19; 1Tim 4. 1-16; Efésios 4.15,15; 2Tim 4.1-5; Judas 1-25

Pessoas há que se mostram muito alarmadas com a proliferação de heresias e seitas nos dias atuais, chegando algumas a criarem uma espécie de neurose, como é o caso atual de muitos em relação ao movimento intitulado Nova Era. No entanto, o fato de haver essa multiplicação de grupos defensores e praticantes das mais estranhas idéias religiosas, e de costumes de cultos os mais esdrúxulos que se possa imaginar, não deveria causar espanto, nervosismo e apreensões; nem mesmo deveria impulsionar-nos para tomadas de posições espalhafatosas, que chegam, em alguns casos, a fazer mais propaganda de certos movimentos, do que seus próprios adeptos conseguem fazer.

Toda essa proliferação de falsas religiões, heresias e seitas é prevista no Novo Testamento. O apóstolo Paulo, por exemplo, instruindo o seu jovem auxiliar, Timóteo, disse o seguinte: "Mas o Espírito expressamente diz que em tempos posteriores alguns apostatarão da fé, dando ouvidos a espíritos enganadores, e a doutrinas de demônios, pela hipocrisia de homens que falam mentiras e têm a sua própria consciência cauterizada" (1Tim 4.1,2); e

o autor da carta aos Hebreus diz: "Não vos deixeis levar por doutrinas várias e estranhas" (Heb 13.9); e novamente Paulo, escrevendo a Timóteo diz: "Prega a palavra, insta a tempo e fora de tempo, admoesta, repreende, exorta, com toda a longanimidade e ensino. Porque virá o tempo em que não suportarão a sã doutrina; mas, tendo grande desejo de ouvir coisas agradáveis, ajuntarão para si mestres segundo os seus próprios desejos, e não só desviarão os ouvidos da verdade, mas se voltarão às fábulas" (2Tim 4.2-4).

É natural, portanto, que em nossos dias se multipliquem as heresias e seitas, e não precisamos temê-las, se estivermos arraigados na Palavra de Deus. Se amarmos a Bíblia e perseverarmos em aprender e guardar tudo quanto ela ensina seremos capazes de, guiados pelo Espírito Santo, discernirmos os espíritos e identificarmos como falsos e demoníacos todos os movimentos que, pela arrogância dos homens, se desvirtuam dela.

QUE VEMASER UMA HERESIA?

A palavra heresia é tradução de *háiresis* (grego), cujo sentido básico é *escolha, preferência*, dando a idéia de que alguém destoa das opiniões

vimento de compromisso com as doutrinas e costumes do grupo que batizou. Aliás, temos uma expressiva base bíblica para a posição de não aceitar outros batismos. O apóstolo Paulo, tendo encontrado em Éfeso 12 homens que haviam sido batizados no batismo de João, batizou-os de novo (Atos 19: 1-5).

A ORDENANÇA DA CEIA DO SENHOR *1 Coríntios 11:17-34.*

A ceia a que Paulo se refere nesta passagem, completamente deturpada e desonrada pelos coríntios, é a solenidade instituída por Jesus para sua igreja, em substituição à ceia da páscoa, para servir de memorial de sua morte redentora. O Senhor instituiu sua ceia na noite de quinta-feira, quando foi traído, estando presente somente os apóstolos, que formava, no momento, o núcleo do corpo, a igreja, que o Senhor estava instituindo.

Paulo repreendeu os coríntios porque eles estavam celebrando a ceia indignamente, isto é, sem discernir o corpo de Cristo. Isso significa que eles não tinham a menor noção de igreja durante a festa que estavam realizando, nos moldes do paganismo. A ceia, segundo o ensino de Paulo, é para ser celebrada pela igreja como congregação, com reverência, para lembrar a morte do senhor até o dia em que ele há de voltar. Logo, só deve participar dela quem for membro da igreja, quem fizer parte do corpo de Cristo.

DESVIOS DE INTERPRETAÇÃO SOBRE A CEIA

A igreja católica a transformou na eucaristia, substituindo o pão por uma bolachinha, chamada hóstia, e destinando o vinho apenas ao sacerdote ministrante. Além disso, ensina que o pão e o vinho se transubstanciam em corpo e sangue, literalmente, de Jesus; e mais, a transformou num sacramento, instrumento de conferir graça. As igrejas protestantes trouxeram do catolicismo alguns resquícios, entre eles o de considerarem a ceia um sacramento. Não aceitam a idéia de transubstanciação, mas a de consubstanciação, isto é, o elemento real, corpo de Cristo, junta-se ao elemento pão para formar a virtude do corpo; a mesma coisa em relação ao vinho e ao sangue.

Os batistas têm a convicção de que a ceia é uma solenidade simbólica, é um memorial da morte do Senhor por nós na cruz do Calvário. O pão e o vinhos continuam sendo simplesmente pão e vinho; não há nem transubstanciação nem consubstanciação; os elementos apenas simbolizam, apenas lembram a morte de Cristo, e nenhuma graça é conferida pelo ato.

Por haver essas diferenças profundas de convicção é que os batistas adotam a chamada ceia restrita, quer dizer, da qual devem participar apenas os membros da igreja, e algum visitante eventual, desde que pertença a outra igreja batista da mesma confissão de fé.

Estudo 6

O CRENTE E A MORTE

Textos bíblicos: *Gên. 2.16,17; 3.1-6; 22-24; Rom 5.12-21; Luc 16.19-31; 23.39-43; 1 Tess 4.13-18; 1 Cor 15.1-58*

O que se pretende, neste estudo, é oferecer ao povo de Deus a orientação de que todo crente precisa, a respeito da Palavra de Deus sobre esse assunto, a fim de que cada um avalie sua posição e a confirme em fé, se corresponder ao ensino bíblico, ou a corrija, se estiver mantendo pensamentos que não encontram base nas Escrituras e atitudes impróprias a respeito do problema da morte. Porque é necessário que os servos de Deus o glorifiquem, o honrem com fiel testemunho de vida em relação à morte manifestando sua esperança, sua segurança, em relação à garantia que se encontra na Bíblia da vitória de Cristo sobre a morte, e em relação à garantia da promessa de que todo servo de Deus também vencerá a morte.

Escrevendo aos tessalonicenses, o apóstolo Paulo disse: "Não queremos, porém, irmãos, que sejais ignorantes acerca dos que já dormem (isto é, morreram), para que não vos entristeçais como os outros que não têm esperança" (1 Tess. 4:13). A ignorância a respeito da morte, a respeito do ensino da Palavra de Deus sobre a situação dos crentes que vão morrendo, leva as pessoas a terem um tipo de tristeza

Como a dos ímpios, nada condizente com a fé e a esperança dos redimidos no Senhor.

O QUE É A MORTE

A Bíblia não define a morte. A revelação de Deus toma-a como uma realidade que não precisa de explicação sobre sua natureza, porém refere-se a ela como consequência do pecado da desobediência, como o inimigo que há de ser destruído no último dia, como um poder que já tem sua derrota decretada e que já foi vencido pelo Senhor Jesus em sua ressurreição. A filosofia e as ciências é que procuram uma explicação para a morte como fenômeno. Mas, em verdade, ela é um mistério indecifrável, como bem se expressou certo professor de biologia. Diante dos alunos ele acabara de sacrificar uma cobaia, para uma aula de dissecação, e assim que o animalzinho morreu, ele dirigiu-se aos alunos: "Senhores, assistimos aqui a dois fenômenos que não têm explicação na ciência: o fim da vida, que ninguém explica, e a realidade da morte, que ninguém entende".

Eis uma tentativa de definição: "A morte é, antes de tudo, um

fenômeno biofisiológico, portanto afeta todos os seres vivos corpóreos, e consiste na cessação da vida" (**BRUGGER**, Walter, Dicionário de Filosofia, trad. De A. P. de Carvalho, Editora Pedagógica e Universitária Ltda., São Paulo, p. 281).

Essa definição pega o fenômeno, mas não a natureza íntima dele, que continua impenetrável. No homem, visto Ter ele uma consciência de ser moral, a morte toma aspecto geralmente de pânico e pavor porque ele significa a cessação do ser, a extinção, o deixar de ser, e também pelo desconhecimento trevosos que ela sugere para os que não têm o Senhor Jesus. Mas, mesmo os crentes, embora possuídos de fé e esperança e conhecimento, olham a morte com desagrado e aversão, como um temível inimigo, de todos o mais detestável.

A Bíblia refere-se à morte sob dois ângulos: 1) a morte física, que é a cessação das atividades do organismo que dá início à sua deterioração, cessação esta que acontece quando a alma deixa o corpo em virtude de este não Ter mais condições de continuidade; 2) a morte espiritual, que significa o afastamento da alma de Deus por toda a eternidade, na Bíblia chamada de segunda morte: "Esta é a Segunda morte, o lago de fogo" (Apc.20:14).

ORIGEM DA MORTE

Há quem pense que a morte seja natural para todos os seres vivos, inclusive o homem. A Bíblia, entretanto, ensina que ela teve

origem no pecado. Deus havia advertido ao primeiro homem que, se comesse da árvore da ciência do bem e do mal, certamente morreria (Gênesis 2:16,7). Logo, o contrário é verdadeiro, isto é, se não comesse, não morreria. Destarte, entende-se que, embora a semente da morte pudesse já estar na natureza orgânica da criação de Deus, através do uso da árvore da vida essa semente não teria conseqüências, e o homem se imortalizaria. O homem, então, em princípio, não foi criado para morrer, mas para viver. Quando ao argumento de alguns que afirmam ser a morte necessária desde o início, para evitar a superpopulação do mundo, basta lembrar, para caracterizar a fragilidade do argumento, que Deus tinha outro processo de saída de pessoas do mundo físico, o qual se revelou em dois casos, a saber: 1) Trasladação de Enoque (Gênesis 5:24; 11:5). 2) Arrebatamento de Elias (2 Reis 2:11).

Outro fato bíblico que confirma que o homem não foi criado para morrer, que a morte é uma intrusa e uma consequência, é Deus ter posto querubins e uma espada viva guardando a árvore da vida, depois de expulsar o homem do jardim do Éden, dizendo: "Ora, não suceda que estenda sua mão, e tome também da árvore da vida, e coma e viva eternamente" (Gên.3:22-24).

EM QUE ESTADO FICAM AS ALMAS APÓS A MORTE?

Ao estado das almas após a morte a teologia tem dado o nome de

citar os três mil que se converteram no dia de Pentecoste (Atos 2:41), o etíope que Felipe evangelizou (Atos 8:26-39), o antes perseguidor, depois apóstolo Paulo (Atos 9:11-18), o gentio Cornélio e sua casa (Atos 10:47,48), Lídia (Atos 16:13-15) etc.

VALOR E SIGNIFICADO DO BATISMO

O significado do batismo se revela em seus dois atos: primeiro, o ato do sepultamento simbólico, pela imersão na água, do velho homem, que morreu para o mundo e para o pecado; segundo, o ato da ressurreição simbólica, na emergência, no surgimento da água, da nova criatura, que nasceu para Deus. Quando ao valor, já vimos, não é o de salvar, não é o de conferir graça, mas glorificar, pelo testemunho da vitória do Espírito Santo em regenerar um pecador, pela proclamação de que o reino de Deus está entre nós, atuando vitoriosamente.

RESPOSTAS A VÁRIAS QUESTÕES SOBRE O BATISMO

1. Por que não batizamos crianças? Porque não há essa prática no Novo Testamento. O batismo é ordenado para aquele que crê. Batizar crianças é um dos desvios da igreja romana que, na metade do século II, porque começou a crer que o batismo tinha o poder de transformar a pessoa em cristã e de apagar o pecado original, instituiu o "batismo infantil".

criancinhas que morrem são salvas pelo poder redentor do sangue de Jesus Cristo, derramado por toda a humanidade.

2. Por que batizamos somente por imersão? Porque é a única forma encontrada no Novo Testamento: **1º** A palavra *baptizo* significa, literalmente, imerso, mergulho. Essa palavra foi transliterada do grego para nossa língua, mantendo portanto, seu sentido; **2º** Jesus entrou na água e saiu da água (Mateus 3:16); a mesma coisa fez o etíope batizado por Felipe (Atos 8:38,39). Quem sai da água é porque estava dentro da água; e para que, se batismo fosse apenas derramar um pouco d'água na cabeça?; **3º** o significado simbólico do batismo exige imersão porque se trata de um sepultamento e de uma ressurreição, idéias que a aspersão não transmite; **4º** A história dá testemunho a favor da imersão. A igreja católica reconhece que o batismo era, no início, por imersão: "Nos primitivos séculos o batismo era conferido por imersão total do catecúmeno; São Paulo, no rito baptismal, faz notar não só o símbolo da morte e da ressurreição de Cristo, mas também o da morte e da vida espiritual" (ZIONI, Mons. Novo Testamento, Pia Sociedade de São Paulo, 1950, p.22 comentando em rodapé o texto de Romanos 6:1-14).

3. Por que as igrejas batistas batizam de novo os crentes vindos de outras denominações? Quando o batismo é por aspersão, o motivo é óbvio: aspersão não é batismo; o aspergido não está batizado, na atual diversificação de crenças e posições dentro do cristianismo, um envol-

Nada se encontra, no Novo Testamento, que autorize a crença em sacramentos. Em seus ensino contam, apenas, as duas ordenanças que nós, batistas, praticamos. A idéia de sacramento é um dos muitos resquícios da teologia católica dentro da fé evangélica do protestantismo, e esta é uma das razões fundamentais pelas quais as igrejas batistas não aceitam nem o batismo que tais denominações praticam, mesmo que seja por imersão, nem admitem nas celebrações da ceia participantes que não sejam membros de igrejas da mesma fé e ordem, bem como recomendam que os membros das igrejas batistas não participem de comemorações dessas outras denominações.

A ORDENANÇA DO BATISMO

Batismo é a imersão da pessoa que, tendo se arrependido dos seus pecados e crido em Jesus como o Filho de Deus e seu suficiente salvador, fez sua pública profissão de fé perante a igreja reunida. É o testemunho público, em imersão solene em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo, de caráter social, que tanto a igreja que batiza como o crente que é batizado dão, de que o poder regenerador de Jesus Cristo está operando no mundo, que o reino de Deus está operando e a ordem do mundo está mudando.

O batismo é a porta de entrada para uma pessoa regenerada por Jesus numa igreja neo-testamentária: "De sorte que foram batizados os que receberam a sua palavra; e naquele dia agregaram-se

quase três mil almas" (Atos 2:41). E quando uma igreja batista recebe um crente que ela mesma não batizou, o faz mediante carta de recomendação (demissória) consciente de que a pessoa quando se converteu, foi batizada por outra igreja da mesma convicção doutrinária, ou seja, da mesma fé e ordem.

O batismo não salva; não transforma um pecador em cristão; não apaga pecados. O ladrão que se converteu na cruz, ao lado de Jesus, evidentemente não foi batizado, entretanto o Senhor lhe garantiu que ele estaria em sua companhia, naquele mesmo dia, no paraíso (Lucas 29:39-43). Entretanto, o fato de o batismo não salvar não significa que deva ser desprezado, substituído por qualquer outra cerimônia ou alterado em sua forma. É preciso que todo aquele que é regenerado por Jesus seja batizado em cumprimento à ordem do Senhor. Esta necessidade se fundamenta em três fatos bíblicos: 1) Jesus mandou "(...) fazei discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai, e do Filho e do Espírito Santo" (Mateus 28:19); "Ide por todo o mundo, e pregai o evangelho a toda criatura. Quem crer e for batizado será salvo; mas quem não crer será condenado" (Marcos 16:15,16). 2) Jesus, ele mesmo, deu o exemplo quando se aproximou de João Batista para ser batizado, e este se opôs, ele o convenceu dizendo: "Consente agora; porque assim nos convém cumprir toda a justiça" (Mat 3:15). 3) Todos os primitivos discípulos submeteram-se ao batismo. Podemos

"estado intermediário", isto é, o estado que fica entre a morte e a consumação de todas as coisas, com a volta do Senhor Jesus e a ressurreição final, o juízo e a destinação eterna, umas para o reino de Deus, outras para o lugar criado para o Diabo e seus anjos, o inferno.

A respeito do após-morte, levando-se em conta as opiniões também dos que não são cristãos, existem muitas concepções, como segue:

1. Volta ao nada O filósofo francês existencialista Jean-Paul Sartre ensina que a morte é a volta ao nada. Para esse filósofo, "amanhã morreremos e acaba tudo" Esse homem contemporâneo apenas repetiu a mesma incredulidade trevosa dos epicureus dos dias do apóstolo Paulo, que diziam: "(...) comamos e bebamos porque amanhã morreremos" (I Cor. 15:32).

2. Reencarnação Para os espíritas, o espírito de quem morre fica vagando no espaço até reencarnar-se. Mas a Bíblia diz que não há reencarnação, porque "aos homens está ordenado morrerem uma só vez, vindo depois disso o juízo" (Heb. 9:27).

3. Abismar-se em Deus Para Soren Kierkegaard, a morte é um abismar-se em Deus. Mas que significa isso? Uma anulação da personalidade consciente, uma destruição do individualismo? A Bíblia não fala de sombras após a morte, mas de definição de vida para os salvos e condenação para os perdidos.

4. Sono da alma Para os advenistas, a alma de quem morre fica dormindo na sepultura até o dia da

ressurreição (mesmo as pessoas salvas). Não há nada na Bíblia que apoie essa opinião.

5. Purgação no fogo Os católicos romanos criaram a figura de um lugar de fogo onde as almas ficam purgando seus pecados até que de lá saíam para a presença de Deus, por força das missas que aqui no mundo as pessoas mandam celebrar. Você pode ler a Bíblia de Gênesis a Apocalipse e não encontrará nada que justifique essa opinião.

6. Presença mediata com Deus A Bíblia ensina que quando o crente morre vai para a presença de Deus, onde fica aguardando a consumação. Não como uma alma desnudam fantasmagórica, porém revestido do corpo espiritual com que aparecerá no dia em que o Senhor Jesus voltar, trazendo consigo miríades de anjos, e essas pessoas salvas. A Bíblia revela que os crentes que morrem mantêm, na presença de Deus, sua consciência, cantam louvores e servem a Deus. A seguir, algumas evidências:

a) A parábola do rico e Lázaro Lucas registra a história de que Lázaro, ao morrer, foi para o seio de Abraão, que é uma expressão idiomática para referir-se ao céu; apresenta, também, o perdido rico em lugar de tormento, sentindo, querendo, pedindo; e Abraão, respondendo ao rico, diz, a respeito de Lázaro: "(...) porém ele aqui é consolado". Nem de leve existe a idéia de sono na sepultura, ou apagamento da pessoa, ou uma espera em purgatório, ou seja lá o que for. O perdido está no lugar de sofrimento e o salvo está em lugar de consolação (Lucas 16:19-31).

b) A transfi-

guração. Elias e Moisés, aparecem juntos com Jesus, em forma corpórea, quando o Senhor se transfigurou. Logo, eles estavam, e estão, vivos, conscientes, pessoas, reais, com corpos espirituais, juntos de Deus (Lucas 9:28-32). **c) O ladrão na cruz** tendo o ladrão convertido pedido a Jesus que se lembrasse dele ao entrar em, seu reino, o Senhor lhe respondeu: "(...) hoje estarás comigo no paraíso" (Lucas 23:39-43). **d) As almas diante do altar de Deus** Em Apocalipse 6:9-11 e 7:9-17 temos visões que mostram as pessoas crentes que haviam morrido diante do altar de Deus, do trono de Deus. Eles falam, lembram-se, louvam, agitam palmas, e pedem justiça.

ADERROTADA MORTE

A morte foi derrotada pelo Senhor Jesus em sua ressurreição. Com ela, assegurou o cumprimento de sua promessa de ressurreição para todos quanto de sua volta. O apóstolo Paulo, na Primeira Carta aos Coríntios, ao ensinar aos crentes a certeza que há de que Cristo ressuscitou e que todos nós havemos de ressuscitar, compôs um triunfante hino sobre a derrota da morte pelo Filho de Deus: "Onde está, ó morte, a tua vitória? (...) Mas graças a Deus que nos dá a vitória por nosso Senhor Jesus Cristo" (I Cor. 15:55,57).

Outras expressões de vitória sobre a morte encontradas em I Cor. 15: 1) "porque, assim como por um homem veio a morte, também por um homem veio a ressurreição dos

mortos. Pois como em Adão todos morrem, do mesmo modo em Cristo todos serão vivificados" (v.21,22); 2) "E então virá o fim quando ele entregar o reino a Deus Pai, quando houver destruído todo domínio, e toda autoridade e todo poder (v.24); 3) "Ora, o último inimigo a ser destruído será a morte" (v.26); 4) "(...) Então se cumprirá a palavra que está escrita: Tragada foi a morte na vitória"(v.54).

Satanás, acusador da morte, será vencido e esmagado; logo, a morte também o será: "E o Deus de paz em breve esmagará a Satanás debaixo dos vossos pés"(Rom. 16:20).

A morte já perdeu o seu aguilhão, o seu ferrão (1Cor. 15.55), porque foi arrancado por Jesus quando ele a aguilhoou na cruz do Calvário. Por isso o crente não precisa mais temê-la e pode viver confiantemente porque tem reservado para si, pelo Filho de Deus, a vida eterna na presença gloriosa do Criador, Deus.

CONCLUINDO

A grande bênção da vida cristã, pela qual cada crente deve render graças a Deus constantemente, é a certeza de que, morrendo, irá imediatamente para o céu, lugar da habitação de Deus, e onde não há mais sofrimento nem morte:"Ele enxugará de seus olhos toda lágrima; e não haverá mais morte, nem haverá mais pranto, nem lamento, nem dor, porque já as primeiras coisas são passadas"(Apoc. 21.4).

Estudo 8

A IGREJA E AS ORDENANÇAS DO SENHOR

Textos bíblicos: Mateus 28:16-20; 3:13-17; Marcos 16:15,16; Lucas 22:7:23; Atos 2:37-41; 8:26-39; 10:44-48; 19:15; Romanos 6:1-14; I

As ordenanças do Senhor Jesus são duas: batismo e ceia. Ordenança é a mesma coisa que ordem, decreto, prescrição e estatuto. É tradução da palavra *dogma*, que se encontra, por exemplo, em Lucas 2:1, com o sentido de "decreto"; em Atos 16:4, com o sentido de decisões a serem observadas; e em Efésios 2:15 e Colossenses 2:14, com o sentido de prescrição obrigatória, estatutos de lei, ordenanças.

O Senhor Jesus ordenou, que suas igrejas, indo por todo o mundo e fazendo discípulos, batizassem aquelas pessoas que cressem nele (Mar 16:15,16 e Mat 28:16-20); também mandou que suas igrejas celebrassem a ceia que ele instituiu para memorial de sua morte redentora (Mat 26:26-28; Luc 22:7-23; I Cor 11:23-29).

Tanto a realização do batismo como a celebração da ceia do Senhor estão entre aqueles atos que são prerrogativas exclusivas das igrejas. As ordenanças não podem ser realizadas por nenhuma pessoa em caráter individual e particular, nem por grupos de pessoas, nem por qualquer instituição que não seja uma igreja. É a igreja que batiza; de igual modo é a igreja que celebra, congregacionalmente, a ceia do Senhor.

CREMOS EM ORDENANÇAS E NÃO EM SACRAMENTOS

Uma das profundas diferenças existentes entre os batistas e as demais denominações evangélicas está no fato de cremos no batismo e na ceia como ordenanças e não como sacramentos. As igrejas protestantes, isto é, aquelas que são provenientes da reforma religiosa, mantiveram a crença em dois sacramentos, dos sete da Igreja Católica. Sacramento, ensina a teologia Católica, "é um sinal sensível, instituído por Nosso Senhor Jesus Cristo, para produzir a graça nas almas" (BOULENGER, Doutrina Católica, Curso Superior, Livraria Francisco Alves, p. 46); "Os sacramentos são irradiações da encarnação do Verbo, meio de estar presente com os fiéis" (RUDLOFF, D. Leo V. & KECKEISEN, D. Beda, No Deus Vivo Verdadeiro, Tipografia Beneditina, Bahia, p. 121). O reformado Lutero "começando por admitir três sacramentos instituídos por Cristo (batismo, ceia e penitência) acaba reduzindo-os a dois (...) Os reformadores são unânimes quanto ao número de dois sacramentos"(STROHL, Henri, O Pensamento da Reforma, ASTE, São Paulo, p. 223). Em virtude dessa

responsável perante Deus por todos os atos dos cidadãos. Equivalia, pois, ao estado-igreja, regulando o exercício prático da fé" (MUIRHEAD, H. H., O Cristianismo Através dos Séculos, JUERP, vol. 2, p. 150). O erro de Calvino consistiu em querer dar expressão ao reino de Deus criando uma teocracia, impondo a igreja sobre o estado.

Walter Rauschenbusch Acreditava que o Reino de Deus é a humanidade organizada segundo a vontade de Deus. Esse teólogo americano do início do século 20 esperava que, pela atuação dos cristãos no mundo, a humanidade haveria de alcançar um estágio de harmonia com a vontade de Deus. Daí a atuação dos seguidores dessa interpretação no sentido de transformar e aperfeiçoar as instituições humanas, em vez de se aplicarem à evangelização.

Igreja católica Criou o estado do Vaticano, consubstanciação e manifestação da igreja em sua expressão política, confundindo o reino de Deus com a igreja, e instituiu um governo de monarquia absolutista.

Concepção escatológica - Há os que crêem num reino que há de se instalar com a volta de Jesus, e que terá características de reino político-territorial, com Jesus reinando, literalmente, de Jerusalém.

Esses erros decorrem, de as pessoas deixarem os ensinamentos de Jesus e dos apóstolos a respeito das realidades do reino de Deus, para seguirem opiniões meramente humanas.

CARACTERÍSTICAS DO REINO DE DEUS

1. O Reino de Deus é de natureza espiritual e moral. No sermão da Montanha encontram-se várias qualidades éticas e espirituais que devem Ter os seus súditos: humildade, mansidão, sede de justiça, misericórdia, paciência nas perseguições (Mateus 5:3-11).

2. O reino de Deus é de natureza interior, e não vem com aparência exterior (Lucas 17:20).

3. O Reino de Deus tem em si mesmo o poder para crescer, como a semente lançada à terra. Não é o esforço do homem que a faz germinar, mas o poder de Deus, inerente ao próprio Reino (Marcos 4:26-29).

4. O reino de Deus é eterno. Existiu no passado, está presente e operando em nós e entre nós, e virá de forma visível quando o Senhor voltar.

5. O valor do reino de Deus é superior à totalidade de quaisquer outros valores, e isso é demonstrado nas parábolas do tesouro escondido e da pérola de grande preço (Mateus 13:44-46)

6. O reino de Deus é universal, podendo a ele pertencer qualquer pessoa, independentemente de raça, língua, condição social e intelectual e do lugar geográfico em que habita. Deus não faz acepção de pessoas.

7. O reino de Deus é seletivo, por meio dos critérios estabelecidos por Deus: fé e arrependimento. O caráter seletivo está ilustrado na parábola da rede (Mat 13:47-50) e na do joio e do trigo (Mat 13:24-30).

Estudo 7

O REINO DE DEUS

Textos bíblicos: Núm.2:21; Deut.33:5; Mat. 5:3-11; 12:28; 13:35-50; 25:31-46; Mar. 1:14,15; 4:26-29; Luc. 17:20-30.

Jesus iniciou o seu ministério de pregação logo após a prisão de João Batista, na Galiléia, conclamando o povo ao arrependimento e fé no evangelho, dizendo que era chegado o reino de Deus (Marcos 1:15). O evangelho, não consistia em anunciar um reino desconhecido, mas sim a chegada de um reino que já era esperado desde as mais antigas gerações do povo de Deus (Num 2.21; Deut 33.5). Assim, ao dizer que o reino de Deus era chegado, o Senhor Jesus estava falando de uma realidade bastante familiar aos seus ouvintes. Por isso mesmo, não se preocupou em definir o reino, nem em dar explicações a respeito dele.

O ministério do Senhor Jesus se desenvolveu em torno do reino de Deus do princípio ao fim. Era preocupação do povo, era preocupação de João Batista e seus discípulos, e era preocupação dos apóstolos e dos discípulos que se seguiram. E continua sendo, em nossos dias, a preocupação e esperança do povo de Deus. O estabelecimento do reino de Deus é idéia central no evangelho. Necessário se torna, pois, que, as igrejas do Senhor Jesus tenham uma nítida compreensão dessa realidade sobre as qualidades éticas que devemos

Ter, como súditos desse reino, e sobre nosso comportamento e atuação no mundo por pertencermos ao reino.

SIGNIFICADO DE REINO DE DEUS

O Novo testamento registra duas expressões para a mesma realidade: reino de Deus e reino dos céus. O Senhor Jesus empregou as duas expressões indistintamente: "O reino de Deus é semelhante ao homem que semeou boa semente (...)" (Mat 13:24). Os dois autores de Evangelhos, Mateus e Marcos, escrevendo sobre o mesmo fato, o início do ministério da pregação de Jesus, usaram uma e outra expressão (Mat 4:17; Mar 1:15). Ambas as expressões referem-se a um mesmo reino que tem Deus como Rei. Reino dos céus define a natureza do reino, que não é deste mundo, logo não tem as suas características, mas é espiritual e procede do céu, realidade eterna e invisível de onde Deus exerce sobre todo o universo a sua soberania; o reino não emerge do tempo, nem da terra, nem do poder dos homens, mas procede do céu e é Deus quem o estabelece, por sua vontade, na terra. E reino de Deus define e identifica o soberano desse reino: Deus.

O que vem a ser o reino de Deus, ou reino dos céus? Não é um reino como os reinos terrenos, que dependem de um território delimitado, no qual um soberano exerça sua autoridade e poder; o reino de Deus não é exterior, como o próprio Senhor afirmou diante dos fariseus: "O reino de Deus não vem com aparência exterior" (Lucas 17:20). Reino de Deus é o reinado e o governo real de Deus sobre todo o universo, abrangendo os seres espirituais, celestiais, como os anjos e potestades, e trazido, pela iniciativa de Deus, ao coração dos homens que, por meio de Jesus, mediante arrependimento e fé, a ele se submetem, na qualidade de súditos. É um reino, aqui na terra, interior, aguardando a consumação dos tempos. Quando se manifestará, tornando-se visível, com a criação de novos céus e nova terra para habitação de Deus no meio de seu povo.

O reino de Deus é universal, eterno e espiritual. Mas se manifestará em data que só Deus sabe, em sua forma definitiva e consumada, de exercício da soberania de Deus sobre tudo e todos.

OREINO DE DEUS NO TEMPO

As realidades eternas manifestam-se no tempo. É o caso da encarnação do Verbo de Deus. Jesus é a manifestação, no tempo, de uma realidade pessoal da eternidade. O reino de Deus é outro exemplo. É

uma realidade eterna, que está se manifestando no tempo. Assim, podemos dizer que o reino de Deus sempre existiu, existe no presente e que ainda virá. Quanto à existência do reino no presente, o Senhor Jesus disse: "(...) o reino de Deus está dentro de vós" (Lucas 17:21). Nós, hoje, temos em nós o reinado de Deus, somos dele filhos e súditos, vivemos no reino de Deus, mas ao mesmo tempo oramos "venha o teu reino", ansiando pelo completo estabelecimento dele, pela sua manifestação final, definitiva, visível, em glória, o que ocorrerá com o retorno do Senhor Jesus.

A meta final da história é a consumação do reino, que virá com juízo e separação entre salvos (súditos) e condenados (inimigos): "Quando, pois vier o Filho do homem na sua glória, e todos os anjos com ele, então se assentará no trono da sua glória; e diante dele serão reunidas todas as nações; e ele separará uns dos outros como o pastor separa as ovelhas dos cabritos; e porá as ovelhas à sua direita, mas os cabritos à esquerda. Então dirá o Rei aos que estiverem à sua direita: Vinde, benditos de meu Pai, possuí por herança o reino que vos está preparado desde a fundação do mundo (...) Então dirá também aos que estiverem à sua esquerda: Apartai-vos de mim, malditos, para o fogo eterno, preparado para o Diabo e seus anjos (...) E irão estes para a vida eterna" (Mateus 25:31-34,41,43).

A MANIFESTAÇÃO DO REINO POR JESUS CRISTO

O reino de Deus, exaltado nos Salmos, e pregado pelos profetas, haveria de vir na pessoa do Messias. O Ungido de Deus inauguraria o reino de Deus. E Jesus, assumindo o seu ministério, proclamou ter chegado o reino de Deus; e, inquirido até mesmo por seus inimigos a respeito de ser ele o Rei, como no caso da pergunta de Pilatos, respondeu: "Tu dizes que eu sou rei. Eu para isso nasci, e para isso vim ao mundo (...)" (João 18:37).

A chegada do reino de Deus se fez de três maneiras, ou por três meios:

1) Pela Palavra "É necessário que também às outras cidades eu anuncie o evangelho do reino de Deus; porque para isso é que fui enviado" (Lucas 4:43); "É, pois, esta a parábola: a semente é a palavra de Deus" (Lucas 8:11).

2) Pelos milagres Aos discípulos de João Batista, enviados a Jesus com a pergunta sobre se ele era, realmente, o Messias, Jesus assim respondeu: "Ide, contai a João o que tendes visto e ouvido: os cegos vêem, os coxos andam, os leprosos são purificados, e os surdos ouvem; os mortos são ressuscitados, e aos pobres é anunciado o evangelho" (Lucas 7:21-23). Os sinais corroboram as palavras de Jesus, dando-lhe autoridade e identificando-o com o Messias anunciado pelas profecias, mostrando que ele era o Filho de Deus.

Com a pregação e a realização de milagres, o Senhor Jesus mostra a presença do reino de Deus entre os homens. "De maneira especial, mediante a expulsão dos demônios, Jesus deixa ver a irrupção, dentro do mundo sujeito à vaidade, da potência libertadora do senhor, entrando na posse do reino. Assim a realiza de Deus surge no horizonte e brota como uma semente confiada à terra, até agora entregue ao senhorio diabólico" (J. Jacques von. Allmen, op. Cit., p. 275).

3) Na própria pessoa de Jesus Cristo, como pessoa real, histórica e divina. Ele não é apenas o pregador; não é apenas o introdutor; ele tem em si a realização; ele é a encarnação do próprio Rei que vem plantar seu reino no meio do senhorio do usurpador Satanás, para resgatar o homem de sua dominação.

CONCEPÇÕES DISTORCIDAS DO REINO DE DEUS

Tem havido, ao longo da história, algumas distorções na concepção que fazem do reino de Deus, como segue:

1. Confundir o reino de Deus com um sistema político de governo, com um povo politicamente organizado segundo a vontade de Deus, ou, em outras palavras, com um Estado definido deste mundo. Pelo menos dois homens cometeram esse erro de conceito: Calvino e Walter Rauschenbusch:

Calvino "O ideal de Calvino era o Estado cristão, nos pormenores como no conjunto das leis,